

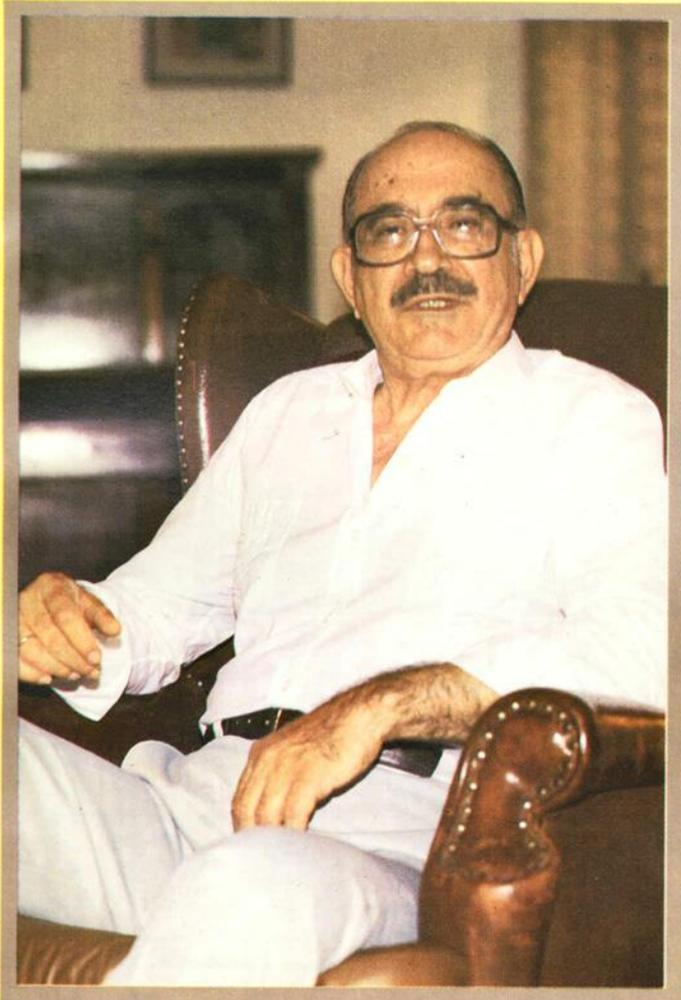
ENTREVISTA:
ALCEU VALENÇA

EDITORIA ATO - ANO IV N.º 28
MAIO DE 1985 - Cr\$ 3.500

ato

O MÉDICO CONTADOR DE HISTÓRIAS

O pediatra
Aziz Ansarah
Risek



- *Para as secretárias, é proibido ter mau humor*
- *O fino escargot, produzido em Mogi*
- *O primeiro doutor de brinquedos da cidade*



PERCA APENAS UM MINUTO PARA CONHECER UMA COZINHA QUE LEVOU 10 ANOS PARA SER FEITA

"10 longos anos de estudos, de escolha dos melhores materiais,
das cores certas, de aprimoramento técnico, em busca
da perfeição e da beleza"

VALEU A PENA – CRIAMOS A COZINHA IDEAL

"Se você quer o melhor projeto
personalizado, fale conosco. Com visita
à domicílio, coletamos todos os itens,
que serão devidamente pesquisados
por equipe de arquitetos e decoradores,
que lhe dará solução exclusiva de bom
gosto e funcionalidade."

"A montagem gratuita é feita por
especialistas, sem confusão, sem
quebrar paredes, sem demora..."

"Quanto ao pagamento, não se
preocupe temos condições facilitadas
conforme a sua conveniência."



ELGIN MÁQUINAS S.A.

"SHOW ROOM"

"R. São João, 658 – Mogi das Cruzes
Fone 469-2266 - Ramais 135 149."



A cidade de Mogi das Cruzes guarda mistérios, segredos que se ocultam nas telas do maior pintor brasileiro vivo, Alfredo Volpi. Quantas pessoas sabem que em Mogi das Cruzes morou o artista, quando ele se deu ao direito de romper com a figura? O crítico de arte e cineasta Olívio Tavares de Araújo, no filme "Volpi", 1971/1975, conseguiu com a composição das cenas e a luz mostrar nas cores as duas fases na pintura do artista. As cenas são fragmentos da trajetória do artista. Olívio propõe fascinante metáfora com as bandeirinhas. A cena dos varais de roupas flambulando ao vento de Mogi, é a busca do tempo em que Volpi, um simples operário da pintura, tinha o poder de ler nas ruas da cidade o mapa que estava aberto e lhe coube percorrer roteiros que Mogi das Cruzes iluminou para o pintor exprimir uma lúcida visão do mundo, uma análise crítica dos instantes que viveu e trabalhou na pequena cidade do interior de São Paulo.

Quem não conhece as bandeirinhas de Volpi, desconhece o verdadeiro poder da arte. Volpi insiste: "Minha arte consiste em linha, forma e cor. Antes, na natureza, era

problema da luz. Da natureza é a luz. Não é o assunto que interessa. Minha arte é linha, forma e cor. Não tem nada a ver com a natureza. É um problema de cor. Mas a forma serve para tudo, para repetir outro anel de cores". E, o crítico de arte Olívio completa dizendo que a pintura de Volpi se comporta exatamente como a música de Mozart. Muito simples, muito melódica, acessível desde o primeiro contato com o ouvido, mas o sentido exato da obra é um enigma.

Ninguém é mais mogiano que Volpi. Ele captou momentos históricos da cidade e transformou Mogi numa cidade-bandeirinha. E também ensinou ao homem que a construção da maior obra é feita por pequenas pedras diárias. As formas usadas pelo artista foram retiradas da sua realidade social e cultural e tratadas de formas plásticas, pois as telas do artista espelham Mogi, onde ele reproduziu os mais belos momentos da cidade, uma obra que está alimentada pela vontade de enxergar o mundo da luz. E Mogi das Cruzes tem luz.

Quando Volpi pintava ao ar livre iniciava em São Paulo um movimento cultural, mas ele não pertenceu às elites intelectuais que criaram o modernismo, ou seja, não participou da Semana de Arte Moderna, em 1922, pois Volpi começou a descobrir o mundo da pintura com profissões artesanais (entalhador, encadernador, tipógrafo). A primeira vez que usou tinta foi em



A arte de Volpi, desconhecida na cidade

A fase mogiana de Volpi

1911, no fim da adolescência ao iniciar sua nova profissão de pintor e decorador de paredes. Como operário da pintura ele vestia macacão, usava tamancos e carregava baldes de cal decorantes para projetar e executar as ornamentações e murais (frisos, frutas e flores).

Em começos da década de 30, Volpi alugou um barracão em Mogi. O caminho para Mogi, o próprio barracão e os arredores da cidade foram os temas onde ele descobriu na natureza um problema de luz. Suas primeiras obras, em Mogi das Cruzes, foram influenciadas pela natureza — manchas de cor e pinceladas com luz brotam sobre a tela. e

através delas Volpi procura retratar o brilhante espetáculo ao seu redor. O artista fica visivelmente fascinado pela cidade que tinha bandeirinhas coloridas nas noites de São João.

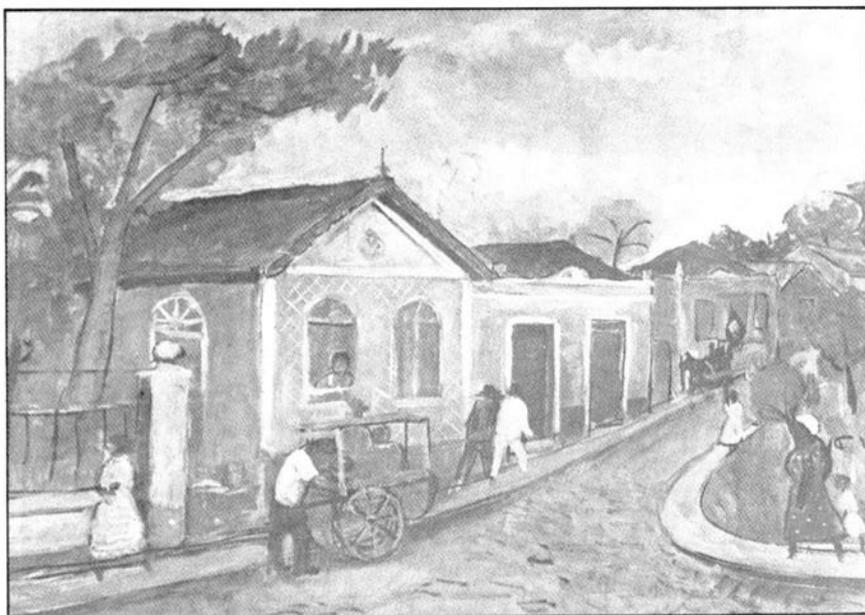
Devido a sua formação operária, ele constrói com poesia, lindas bandeirinhas, que refletem a identidade cultural brasileira. Volpi ao construir a cidade-bandeirinha rompeu com as figuras, sua primeira fase em Mogi. Foi em começos da década de 50, numa madrugada, que encontrou Mogi enfeitada para uma festa junina. E, sob o impacto da força de uma bandeirinha de São João, e constantemente tentado por uma vocação de recriar a realidade numa tela com referência na bandeirinha, e não no mundo objetivo, para, em seguida no *atelier* encontrar as formas para romper com as figuras, nasceu a tela

"Fachada com bandeirinhas e festões", em 1953, onde duas carreiras de bandeirinhas que se superpunham a um conjunto de casas, onde ele retrata Mogi. Nesse momento a pintura de Volpi adquire forma, sem que fosse imediatamente perceptível, até mesmo o objeto. Assim, em Mogi, o pintor encontrou a primeira pedra para construir a cidade-bandeirinha, que foi a iluminação do objeto enquanto mera imitação. Volpi se liberta da representação natural.

Di Cavalcanti foi categórico ao afirmar: "O Brasil deve estar contente de ter trazido aquele carcamano para vir ga-

Na cidade, poucos conhecem o pintor, quase ninguém sabe que morou aqui

O quadro "Rua Movimentada de Mogi" é um dos principais momentos do Volpi mogiano, esse excepcional artista desconhecido na cidade. Na rua por ele retratada está um pipoqueiro que passa sem pressa e uma carroça nas já estreitas ruas.



nhar dinheiro aqui. Na Itália, ele não ganharia nem um tostão. Artista não é quem faz obra de arte, é quem cria obra de arte. Volpi faz bandeirinhas, bandeirinhas, bandeirinhas. Mas, eu respeito as bandeirinhas dele. Pelo menos, ele não faz a bandeira nacional". Mas, Volpi não fez só bandeirinhas, ele constrói sua visão crítica do mundo das bandeirinhas, mastros, velas, arcos, fachadas, paisagens etc. Nos quadros do pintor a cor tem significado pela interação que mantém com a

forma e a textura. Observando a organização nas telas pode-se afirmar como Willys de Castro que "Volpi pinta Volpis".

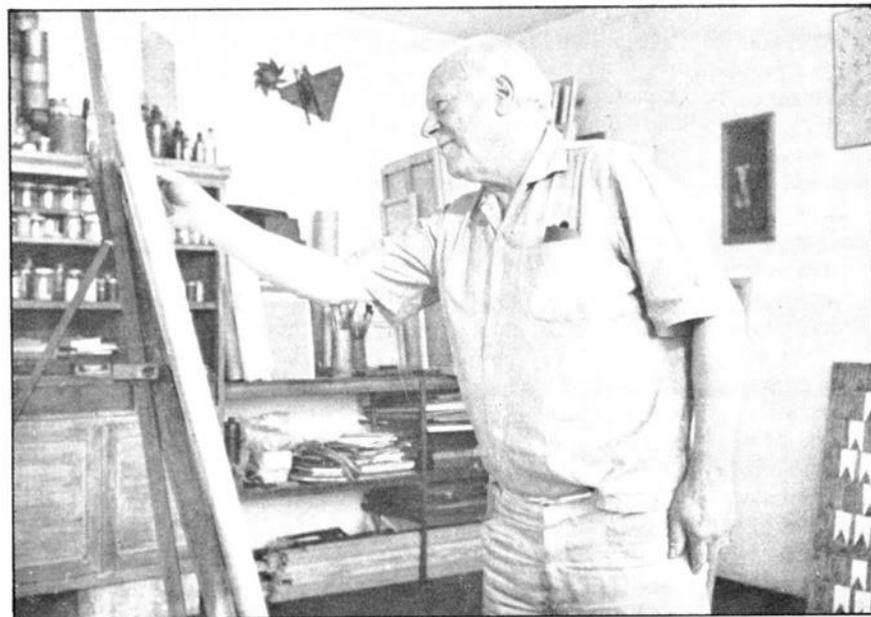
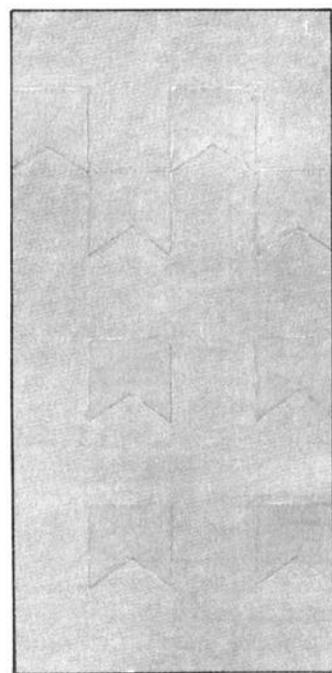
A consagração de Volpi começou com as bandeirinhas, mesmo que ainda fossem poucos críticos e amigos que o apoiasse naquele tempo. O artista frequentava as sessões do modelo no Santa Helena, grupo que iniciou em 1935, no ateliê de Francisco Rebolo Gonsales na sala n.º 231 do Palacete Santa Helena, na Praça da Sé. Ao grupo jun-

tam-se Rebolo, Mário Zanini, Humberto Rosa, Fúlvio Penacchi, Aldo Bonadei, Clóvis Graciano e Manuel Martins. Nesse período Alfredo Volpi preocupou-se em desenhar modelo vivo e para participar das sessões de pintura de paisagem no natural, nos arredores de São Paulo. Em suas telas registrou lindos lugares de Mogi das Cruzes.

Alfredo Volpi, nasceu em Lucca, Itália, em 14 de abril de 1896, e veio para o Brasil com os pais, em outubro de 1897. Em São Paulo, Volpi

aprendeu a linguagem artística através da construção. Mas, foi em Mogi das Cruzes que o artista mostrou que o tempo que lhe foi dado para viver sobre a cidade que foi importante para interpretar as paisagens, e alcançar nas bandeirinhas a perfeição.

Volpi casa-se com Judith, ou seja, uma garçonete com o nome de Benedita da Conceição Volpi. Assim passou o tempo, Volpi voltou para Cambuçu e Judith morreu. No entanto o pintor continua procurando as formas para cidade-bandeirinha.



Volpi sempre foi um trabalhador. Era um operário artesanal. Em seus quadros a simplicidade e a pureza refletidas fazem parte do mundo pessoal do artista. Essa é a verdade que Volpi, 89 anos, criou e ainda cria ao seu redor: a paz.

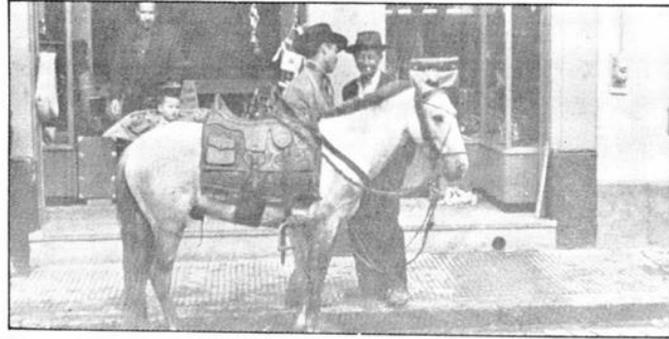
Nos quadros que Volpi retratou as paisagens de Mogi estão seus olhos e ouvidos, pois ele foi capaz de perceber que o espaço é vida, e o tempo é a iluminação das formas. No espaço, ele registrou o tempo em que foi capaz de construir as bandeirinhas.

Até pouco tempo a história de Mogi teimava em ser injusta com o artista, ou seja, o operário da pintura que construiu com a cultura de Mogi seu universo. Mas, a cidade-bandeirinhas soube recomendar o jovem pintor, esse italiano afoito e rebelde.

Magno Fernandes

De uma festa junina em Mogi, tirou a idéia das célebres bandeirinhas

Retrato de uma época



No tempo do cavalo na porta, agora memória de Mogi



Trinta e seis anos depois de se instalar na rua Doutor Deodato, a Casa Diamante deixa o local, requisitado pelo proprietário, e muda de ponto, pondo fim, definitivamente, a uma fase importante do cenário comercial da cidade, já encerrado há mais ou



A família Nogueira

menos duas décadas mas ainda vivo na fachada e instalações da loja – trata-se do tempo dos cavalos na porta da Casa Diamante, que nos anos 50 vendia os últimos arreios e artigos de couro para os cavaleiros de Mogi e região. “Nós funcionávamos até nos domingos, dias de grande movimento, quando vinham fregueses da zona rural e de São Paulo” – explica Wadiyah Cury Nogueira, a

dona “Dia”, que durante todo esse tempo dirigiu a loja com seu marido, Benedito Nogueira. Este, quando a Diamante transferiu-se para perto dali, na Barão de Jaceguai, resolveu que era hora de parar e agora dedica seu tempo às conversas com amigos na praça Oswaldo Cruz.

O estabelecimento, no entanto, não desapareceu: Benedito Carlos Nogueira, o filho do casal, seguiu com o comércio e abriu a Nova Diamante, loja que segue a segunda fase da Casa Diamante, quando deixou de fazer selas e artigos de couro para cavaleiros, pois a clientela já começava a andar de bicicleta ou mesmo de automóveis, raros então.

Nova Diamante, como sua antecessora, fechada em janeiro, vende sapatos, malas, calçados para senhoras e os tênis, artigo oposto às botas dos anos 50. O prédio da antiga Casa Diamante pertence à família Dominguez, que ainda não sabe o que fará com ele.

Estimulando a criança

Há um ano na cidade, a psicóloga Denise Costamillan Andre, 29 anos, está tendo muito mais atividades do que poderia

imaginar. Não faz muito, para entreter as crianças que iam a sua casa brincar com as três filhas, ela organizava jogos e inventava brincadeiras. Percebeu então que elas ti-

somente a consciência de grupo”, avisa Denise, que edita com os garotos e garotas o jornal Canto Livre. A experiência, bem sucedida, é um



Criatividade no trato com as crianças

nham um enorme potencial de criatividade. Estava criado assim o Centro de Cultura e Arte Infantil Boa Vista. “Aqui não é cobrado nada das crianças,

estímulo à infância e já vem sendo posta em prática em outros bairros da cidade. O Centro está instalado na própria casa da psicóloga.

Car Washed

*Um bar para lavar seu carro.
Um lugar rápido para você
tomar um chopinho com os amigos.
Ou, melhor ainda,
um novo ponto de encontro.*

choppéria Car Washed

Av. Narciso Iague Guimarães, 110 - Câmara Municipal - Mogi das Cruzes

LAVANDO SEU CARRO, TOME UM CHOPP POR NOSSA CONTA.



Mineiros



Ser mineiro não é questão de moda. Ser mineiro é para a vida inteira. É trazer consigo as tradições, costumes e hábitos de sua terra e nunca mais perdê-los, para sempre marcar presença e os outros perguntarem: "Você é mineiro, não?" E, com orgulho, responder: "Sou e sempre serei." Por mais que goste de outros lugares, tenha sua família e filhos morando noutras terras, o mineiro sempre recorda a infância vivida em Minas, conta histórias e come pão de queijo quente, uai!

*Josimar Melo
Mogi das Cruzes*

Mulheres

Finalmente, uma matéria só sobre nós, as mulheres. Somos maioria da população e nem sempre escutadas desta maneira. Precisamos ainda refletir muito sobre nossa condição

*Wanda Pires
Mogi das Cruzes*

Nova República

Nós, os brasileiros, só temos nos emocionado ao longo dos últimos meses. Primeiro foi com a formidável campanha nacional pelas eleições diretas. Não deu, mas a grande tristeza que cobriu o País foi substituída pela eleição de Tancredo – e aí então a emoção foi novamente grande, apesar de o peito estar apertado porque o criador da Nova República não estava no Congresso para assinar a posse e governar a Nação que o esperava. Agora, lendo este artigo sobre o que se pode esperar deste Brasil tão sofrido no caminho que conseguiu abrir após mais de duas décadas, eu – e imagino muita gente – voltei a me emocionar. Excelente o artigo do jornalista Miguel Jorge, editor-chefe do grande *O Estado de S. Paulo*. Chega de corrupção e de ladrões, chega de bandalheiras, chega de autoritarismo, chega de sem-vergonhices, chega de tanto tempo sem ter vergonha na cara,

*Cleber Afonso Sé
Mogi das Cruzes*

**Cartas para ATO,
Rua Capitão
Manoel Caetano, 203,
Mogi das Cruzes
CEP 08700 – SP.**

Diretor

Márcio de Paula

Diretor Administrativo

Benedito Wilson de Freitas

Editor Responsável

Fernando Leal

Fotografia

Marcos Lima

Diagramação

Jorge Gomes da Silva

Produção Gráfica

Mário Tadeu Rosas e Marina Aranha Magalhães Alcoba

Publicidade

Antonio Candido

Circulação

Edson Pereira

Redação

Fernando Leal, Vanice Assaz, Denise Caboclo e Paola Gentile

Colaboradores

Carlos Chagas (**Brasília**), Roberto Godoy e Wilson Marini (**Campinas**), José Carlos Santana (**Londres**), Darwin Valente, EME, Lenilde Pacheco, Fátima Fonseca e Milton Pelegrini (**Mogi das Cruzes**), José Roberto de Alencar (**Rio de Janeiro**), Amado Neto e Flávio Nery (**São José dos Campos**), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Luiz Nassif, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Bataglia (**São Paulo**).

Não aceitamos matérias redacionais pagas.

Sonho Colorido

O ENXOVAL DO SEU BEBÊ

- jogos de cama e banho coordenados
- jogos completos para maternidade
- arranjos de porta e lembrancinhas

Com criatividade unimos bom gosto e qualidade pensando em todos os detalhes por você. Estamos no telefone 469-3452 e 289-7629 (SP)

ATO é uma publicação mensal da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.054, telefone: 914-2377, CGC 46249439/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, R. Capitão Manoel Caetano, 203, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 – P. 209/73. **ATO** é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fitolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.

ABERTURA

Ainda estudante, ele queria ser psiquiatra, mas acabou sendo pediatra, o primeiro que a cidade teve, pois os outros médicos que tratavam de crianças eram clínicos gerais. Não é tudo na vida deste profissional que hoje, 35 anos depois, já viu passar pelo seu consultório duas gerações de mogianos: ele sempre gostou de livros e de escrever, talento que aproveitou para registrar em contos as experiências vividas com seus pacientes. Aziz Ansarah Rizek é um dos assuntos de capa da 28.ª edição de **ATO**, onde fala de sua profissão e dos livros que escreveu. Há 35 anos em Mogi, o dr. Aziz tem como colegas de profissão pessoas que na infância passavam por suas mãos a cada inflamação de garganta ou surto de catapora ou sarampo. Completando o material sobre o pediatra, estão os depoimentos de cinco médicos que atuam na mesma área do contista, de quem **ATO** também publica um texto.

A seção Painel, desde o último número revigorada, apresenta um variado e interessante noticiário local, o mesmo ocorrendo em Negócios, onde mostramos o pioneirismo de algumas famílias japonesas que, no Cocuera, criam *escargots*, molusco que pode render bons lucros, tanto na venda para restaurantes, onde um prato chega a custar perto de Cr\$ 100 mil, como para exportação. Negócios mostra também a nova leva de casas comerciais abertas recentemente, uma delas dedicada exclusi-



vamente aos *waffles*, enquanto outra prepara *stroganoff* e exhibe para a clientela filmes Super-8, além de outras inovações para conquistar uma fatia da noite mogiana.

A vida e o trabalho das secretárias é outro assunto especial desta edição. Não existe empresa organizada que não tenha seu batalhão de secretárias eficientes, assim como não se pode pensar em nenhum setor de atividade que tenha êxito sem que por trás esteja a presença sempre equilibrada dessas profissionais, para quem nunca deve haver a expressão mau-humor. Ágeis, eficientes e sobretudo dedicadas elas falam de seu trabalho, dos truques que têm de usar e do que fazem para organizar a vida administrativa de seus chefes.

Vale a pena ver também o trabalho especial que abre a edição, uma matéria mostrando que Alfredo Volpi, o maior pintor vivo do Brasil, viveu em Mogi. Muito mais: foi aqui que ele criou as célebres bandeirinhas, sua marca registrada.

O presente número de **ATO** traz também uma ampla, completa entrevista com o cantor e compositor Alceu Valença, um nordestino de Pernambuco que conquista rapidamente os mercados do Sul. Valença foi entrevistado em sua casa de Olinda pelo repórter Gilberto Nascimento e o resultado desse trabalho abre as páginas do Panorama. Teatro, cinema, música e livros completam esta seção que tem ainda a grande Tônia Carrero.

F.L.

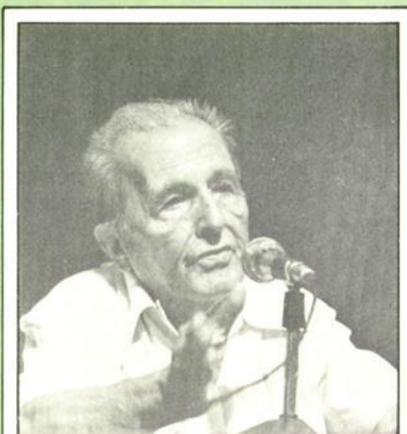
LEIA

OPINIÃO

Oscar Holme, responsável pela Delegacia Regional de Ensino de Mogi fala da situação da educação pública na região. **Página 34**



O deputado Jacob Lopes sofre duas grandes derrotas mas não desiste: quer continuar com seu mandato de deputado. **Painel**



A visita de Luiz Carlos Prestes, o "Cavaleiro da Esperança", vista pelo humor de Eme, surpreso com os anfitriões. **Caldeirão**

TEATRO

Tônia Carrero e Edwin Luisi vivem Freud e a grande Sarah Bernhardt nos palcos de São Paulo. Confira. **Página 20**



Uma psicóloga reúne crianças em sua casa e acaba formando um núcleo infantil onde as crianças dão as cartas. **Sua cidade**

E	Caldeirão.....	23
	Cartas	6
	Comportamento.....	30

Gente	32 e 33
Negócios	29
Opinião	34

Painel.....	12, 13 e 14
Panorama	16 a 21
Tendencia	26 a 28

Foto de capa: Marcos Lima

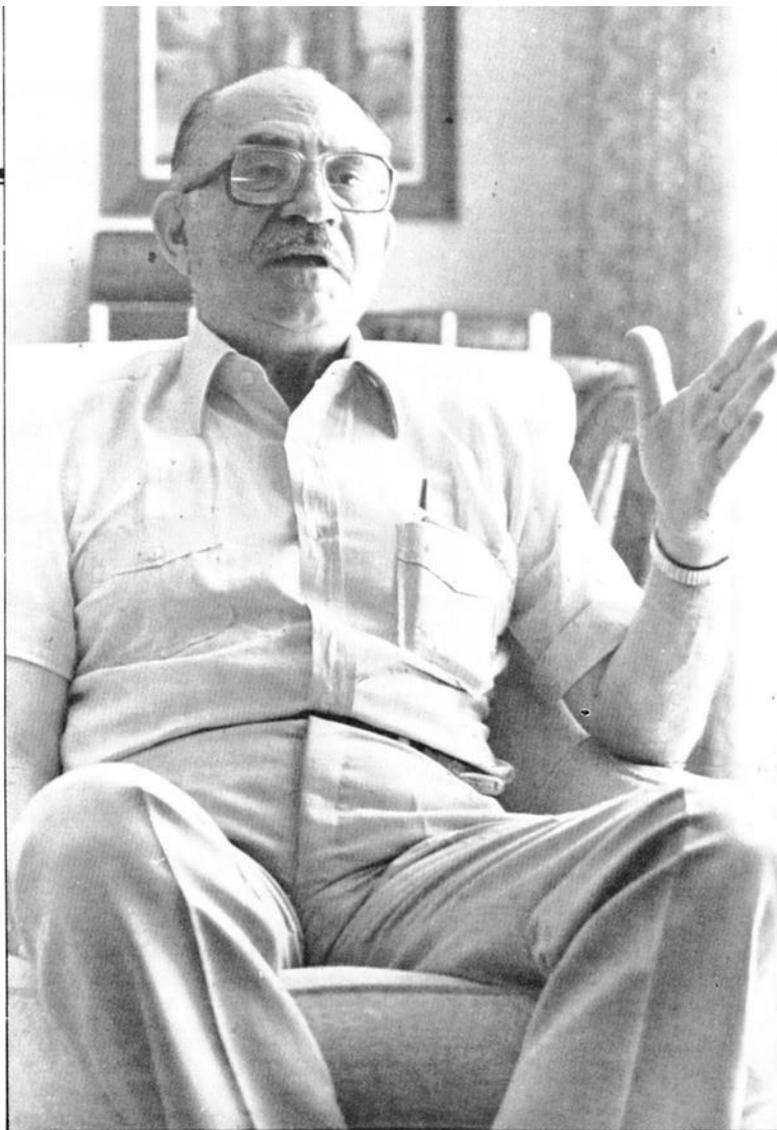
REPORTAGEM DE CAPA

Entre a prosa e as consultas

O dr. Aziz, contando em seus livros a rotina de um pediatra

Aziz Ansarah Rizek chegou em Mogi das Cruzes há 35 anos para se tornar o primeiro pediatra que a cidade conheceu. Nascido em Agudos, ele decidiu morar aqui de tanto passar pela região a caminho de Jacareí. Era uma cidade mais desenvolvida e mais próxima de São Paulo. Longe da insegurança que sentiu logo que deixou a Escola Paulista de Medicina e foi iniciar carreira em Piedade, ele começou a trabalhar no Posto de Puericultura e na antiga Mineração Geral do Brasil, onde se aposentou em 80. Pelas suas mãos já passaram duas gerações de mogianos e ele nem se surpreende mais quando uma jovem mãe lhe diz que já foi sua paciente. Antes de aborrecê-lo com a lembrança do passar dos anos, são estas pessoas, fatos e o desfilar constante de crianças, pais e avós que compõem o cardápio preferido do escritor e contador de histórias que Aziz Rizek também é. Próximo de lançar seu terceiro livro, que tem o título provisório de "Gaveta de Médico", e depois de receber o diploma de Honra ao Mérito como o médico de maior destaque do ano passado,

O contista Aziz já publicou quatro livros e não vai parar: ele já pensa em novas obras para seu público.



ele conversou sobre sua vida e obra com a revista ATO:

ATO – Como é que uma pessoa que sonhava com a psiquiatria vira pediatra?

AZIZ – Eu pensava que a parte literária e romântica da medicina estava na psiquiatria, mas no último ano da escola me encantei com a pediatria, provavelmente por influência de ótimos professores que tive nesta especialidade.

ATO – Quando o senhor chegou em Mogi como era a cidade?

AZIZ – Em 1950 ela ainda era uma cidade que possuía ruas para o tradicional *footing*, não tinha muitas ruas calçadas e poucos médicos e só um deles trabalhava com crianças. Por isso é que me tornei o primeiro pediatra daqui. Eu só atendia e até hoje só atendo crianças.

ATO – E a literatura como foi que ela surgiu em sua vida?

AZIZ – Acho que no ginásio. Naquele tempo lia-se muito e eu gostava demais dos contos que se publicava numa revista chamada "Eu sei tudo". Eu lia tudo que me caía nas mãos, desde o então proibidíssimo "A Carne", de Júlio Ribeiro, até Olavo Bilac, Guerra Junqueiro. Lia porque gostava e não por obrigação. Tinha

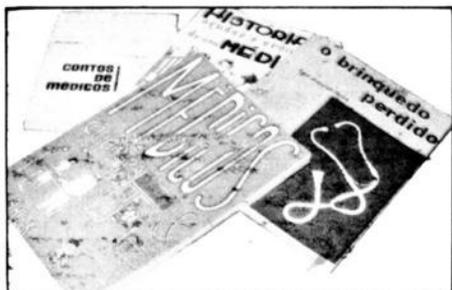
muito incentivo dos professores que gostavam de minhas composições. Não gostava de gramática, deixava os sonetos para as namoradas e gostava mesmo era da prosa, poesia só das paródias.

ATO – E como veio a decisão de publicar seus contos?

AZIZ – Eu sempre escrevi e uma vez o Diário de Mogi solicitou um artigo sobre desidratação. Escrevi dois ou três a um nível popular, didático. Obtive sucesso e comecei a pensar em fazer literatura mesmo. Foi até engraçado: sempre fui péssimo datilógrafo e por isso escrevo a mão. Um dia levei uns originais para o Inocêncio Candelária dar sua opinião. Ele muito gentilmente opinou e datilografou tudo, o que me animou a levar tudo para a Editora Martins, onde obtive opinião favorável de Cristina Aranha, que acabou virando a orelha de meu primeiro livro, editado pela Saraiva com a chancela da Martins.

ATO – O conto é uma modalidade literária difícil e que exige talento maior. Por que sua predileção por ela?

AZIZ – Eu sempre gostei das coisas mais resumidas. Acho que basta dar a entender, fica mais elegante do que entrar em detalhes e eu sempre tive dificuldades para ler



romances. Acho mais fácil escrever contos.

ATO – E a receptividade dos leitores? Como o senhor sente estas respostas?

AZIZ – As reações são as mais diferentes possíveis e são outro prazer para mim. Houve já, por exemplo, o caso daquele paciente que depois de ler um de meus contos achou que eu estava cobrando e veio me pagar, outros que se enquadram perfeitamente em uma personagem e vêm me dizer que se acharam no livro.

ATO – Além da literatura e de seu trabalho no Posto de Saúde e no Hospital Santana, o senhor é professor na faculdade de medicina da UMC. Como vê esta última atividade?

AZIZ – Acho excelente dar aulas especialmente porque sou obrigado a estudar sempre e depois porque convivo com a juventude e isso me ajuda a não ficar muito quadrado. Não tenho frustrações porque, ao contrário do que muitos parecem pensar e afirmar, há alunos hoje que também são delicados e que serão bons profissionais.



Paulo Renato, Vicente, Rafael Russo e

Tenho até que ressaltar a participação das mulheres que estão se sobressaindo muito e que, sem dúvida, vão tomar conta da medicina. Especialidades como a obstetrícia, pediatria e mesmo a clínica geral e a cirurgia serão os ramos delas.

ATO – Como o senhor vê Mogi das Cruzes em termos culturais?

AZIZ – Acho que um trabalho que deveria ser feito de imediato era o das entidades culturais absorverem os centros acadêmicos. É preciso um trabalho maior de integração. Acho também que a conscientização e uma ação que vise o desenvolvimento cultural de uma comunidade deve começar na escola, no primeiro grau, fortalecendo tudo o que a cidade possui em termos artísticos.

ATO – E qual é o caminho para isto?

AZIZ – O que acho é que a rigorosidade no ensino e um melhor encaminhamento neste sentido tem que ser exigido por todos, pelos pais, pela escola e por toda a sociedade. ●

Um exemplo para seus companheiros

Um homem com um senso de humor cativante, de rara sensibilidade para as pequenas coisas da vida e um profissional respeitado por leigos, colegas e alunos. Uma unanimidade tão grande não é fácil de se atingir, mas as opiniões sobre o médico Aziz Ansarah Rizek levantadas entre alguns pediatras da cidade comprovam a constatação:

conscioso e alguém cativante.” (Paulo Renato Cavalca Arantes, 38 anos, pediatra)

“Vejo-o como um símbolo, um exemplo para toda a classe médica, não só para os pediatras. É um homem inteligentíssimo, grande mestre, com excelente relacionamento com os alunos, escritor e muito conceituado na sociedade e na classe. É um dos últimos pediatras e médicos que podem ter a felicidade de desempenhar a profissão como deveria ser sempre, com o médico conhecendo bem cada um de seus pacientes.” (Luciano Quintas, pediatra, 42 anos)

“O dr. Aziz é um pediatra antigo na profissão mas atualizado nos métodos de tratamento e em seus conhecimentos. Só tenho elogios para ele e acho importante dizer que ele é um profissional conceituado entre os leigos e os próprios colegas” (Vicente Henriques de Faria, pediatra, 43 anos)



Francisco Averaldo: como pediatras, respeito para com o pioneiro.

“Ele é uma pessoa sensacional, alegre e que possui um jeito todo especial de comentar os assuntos. Eu dei aulas com ele na Faculdade de Medicina da UMC e sei como os alunos o apreciavam, guardando na memória suas exposições e explicações. É uma pena que não possamos mais atuar como ele pôde fazer em boa parte de sua carreira. Hoje o médico está sempre oprimido por horários”. (Rafael Benedito Russo, pediatra, 40 anos)

“É fácil e difícil falar sobre o dr. Aziz. Ele é meu amigo e prefiro falar dele nesse sentido, falar sobre um homem com o espírito lá em cima. É alguém com o qual não é possível estar junto sem estar sorrindo e alegre.

Ele foi meu professor e é um excelente profissional, tranqüilo em suas condutas,

“Ele foi meu médico, meu professor e meu colega, o que era motivo para brincar sempre comigo e dizer que estava ficando velho. É um homem de personalidade alegre, divertida, descontraída. É um pioneiro que enfrentou todas as dificuldades possíveis para um médico e por isso ele é um homem de muita importância para Mogi das Cruzes.” (Francisco Averaldo Neto, pediatra, 35 anos)



Luciano: a profissão como ela deveria ser sempre

Um conto do dr. Aziz

Síndrome de Nebem

A Síndrome de Nebem é um conjunto de manifestações encontradas, com muita frequência, na criança cujos pais ainda são jovens, o que vale dizer, quando o casamento destes ainda é mais ou menos recente. É interessante observar, também, que esta Síndrome é mais comum entre os primogênitos, e o quadro clínico vai se atenuando ou desaparecendo à medida que surgem outros filhos, ou quando o casamento dos pais deixa de ser recente para se tornar antigo.

Dentro dessas condições a Síndrome eclode nos seus sintomas mais evidentes, a ponto de dispensar exames de laboratórios, radiografias e qualquer outro meio de diagnóstico.

1. Quadro clínico

O quadro clínico da Síndrome de Nebem pode ser resumido numa sintomatologia bastante simples, conforme se segue.

O casal jovem traz o primogênito para consulta, e o pediatra inicia, então, a anamnese pontilhada daquelas perguntas clássicas. Por exemplo:

– E o nenê tosse?
– Tosse um pouco – responde a mãe. –
Né, bem? – pergunta em seguida ao marido.

– É bem! – confirma ele.
– Vomita? – o médico prossegue no interrogatório.

– Vomita um pouco, doutor. Né, bem?
– É, bem! – concorda o maridinho.
– E quantas vezes o garoto evacuou hoje?

– Três vezes. Né, bem?
– É, bem!...

E as informações continuam repassadas de “Né, bem?” e “É, bem!”, como estribilhos melosos ao longo do interrogatório e do exame físico, sintomas estes que justificam o nome de Síndrome de Nebem, ou Síndrome do Primogênito, conforme preferem alguns autores.

A rigor, esta Síndrome começa a se instalar na vida intra-uterina do bebê, ou antes ainda, isto é, durante o namoro, o noi-

vado e a lua-de-mel dos pais, fato este que leva alguns eruditos a negarem a designação de “Síndrome do Primogênito”, uma vez que ele vem depois da Síndrome, e indubitavelmente é uma seqüela da mesma...

2. Evolução

Após o período agudo, a evolução dessa entidade clínica se caracteriza por fases subagudas ou subclínicas, que paulatinamente se atenuam até perderem a intensidade do quadro inicial. Assim, a Síndrome do Primogênito pode desaparecer completa ou parcialmente, quando o casal deixa de ser tão jovem, a lua-de-mel já não é tão doce e surgiram outros filhos. Portanto, a Síndrome de Nebem, tende a se moderar com o tempo e pode se tornar inteiramente assintomática.

Suponhamos, então, aquele mesmo casal, de outrora, trazendo o sétimo filho ao médico.

– Tosse, sim, doutor, até perder o fôlego, principalmente durante a noite – informa a genitora.

– Não exagere, mulher! – interrompe o marido. – É uma tossinha à toa.

Gelre



GELRE TRABALHO TEMPORÁRIO S.A.

“A competência faz a diferença”

É com esta política que a Gelre Trabalho Temporário continua sendo a solução permanente.

Temos o profissional adequado para solucionar:
o acúmulo de serviço,
licença gestante,
férias, picos
ou mesmo para colocação de efetivos.

21 ANOS DE TRADIÇÃO E PIONEIRISMO

R. Ricardo Vilela, 108 -Fones 469 4144 e 469 4169
Centro - Mogi das Cruzes - SP

OU SOLICITE UM REPRESENTANTE



CLÍNICA DE ANDROLOGIA
E UROLOGIA
PLANEJAMENTO FAMILIAR

laboratório especializado
em reprodução humana

Dr. Syuichi Fujisaki
Dra. Yara M. Fujisaki

r. navajas, 477 tel. 460 2411
mogi das cruces



Aziz, queria ser psiquiatra, mas terminou pediatra. E contista

– *Vejam quem está falando! Você dorme feito uma pedra e não escuta nada – protesta a esposa. – Até os vizinhos acordam com a tosse do menino!*

– *E a senhora notou febre?*

– *Notei, sim, uma febrona alta...*

– *Mas que febre que nada, doutor! – corta o cidadão – Essa mulher é muito nervosa e exagerada. Por qualquer mo-*

tivo corre com o moleque para o médico.

– *Quem sabe sou eu, doutor. O meu marido não sabe coisa nenhuma. Às vezes ele só chega de madrugada e depois ronca o resto da noite. Nem sei como é que tivemos mais este...*

Assim, estamos diante de um quadro clínico típico da Síndrome de Nebem, que se extinguiu, sem tratamento, do qual só

restaram os filhos, como seqüelas...

3. Resumo e conclusão

Diante do exposto podemos concluir que: A Síndrome de Nebem pode ser igualmente chamada de Síndrome do Primogênito, embora o primeiro rebento seja posterior à mesma e se constitua na sua consequência mais gritante. A Síndrome de Nebem é tanto mais aguda quanto mais recente é a viagem de núpcias. "Né, bem?" e "É, bem", dia e noite...

Alguns autores pretendem, ainda designar, maldosamente, o mesmo quadro clínico com o título de Síndrome da Primípara, uma vez que estatisticamente o paroxismo diminui ou se apaga paulatinamente com a multiparidade.

4. Comentários

A Síndrome de Nebem é tanto mais encantadora, romântica e invejável quanto mais aguda. É lamentável que na maioria dos casos tende a se atenuar, com o decorrer do tempo, dificultando o diagnóstico, por ausência de sintomas tão líricos. Na verdade a Síndrome de Nebem deveria ser incurável, altamente contagiosa e cada vez mais intensa, a ponto de provocar recaídas, a cada filho novo, ou sem nenhum, pelo tempo a fora." (Conto extraído do livro "Médicos, Clientes & Cia")

PROSEG

A segurança industrial

Os equipamentos de segurança industrial da PROSEG apresentam alto padrão de qualidade e resistência.

Veja alguns itens:

BOTAS, CAPACETES, ÓCULOS,
MANGUEIRAS, CORREIAS, BOTINAS,
MÁSCARAS, LUVAS,
COLAS, LENÇÓIS DE BORRACHA,
LONAS PLÁSTICAS,
MANGOTES, DIAFRAGMAS.

PROSEG

**COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS
DE SEGURANÇA INDUSTRIAL**

R. Baruel, 40 - Suzano

Fone 476 4540



★ ★ ★
HOTEL BINDER
MOGI DAS CRUZES

O Binder-Mogi lhe oferece todo o conforto de um hotel 3 estrelas: 65 apartamentos equipados com TV a cores, frigo bar, telefone, frequência modulada com 3 canais e 9 suítes finamente decoradas, com ar condicionado.

O hotel dispõe ainda de garagem privativa, sala de estar, snack-bar, cabelereiro, salão de beleza e diversas boutiques com variada gama de finos artigos para presentes.

**Rua Deodato Wertheimer, 1413 - Centro
Mogi das Cruzes - Fone (011) 469-6611 - SP**

★ ★ ★ Hotel Binder - São Bernardo do Campo - SP

★ ★ ★ Samambaia Hotel - Goiânia-GO

★ ★ ★ Hotel Concord - Campo Grande-MS

**O único hotel classe "A" entre
São Paulo e São José dos Campos**



Jacob: derrotas e a saída de Tufi

A atração

Além da palestra que reuniu público próximo a 250 pessoas, no Teatro Municipal, dias atrás, a presença do ex-secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes, 87 anos, conseguiu unir numa mesma mesa peemedebistas, petistas e até pedessistas, estes declaradamente anticomunistas, como é o caso do vereador Ivan Siqueira.

E Prestes despertou tanta atenção que a entrevista coletiva convocada para um pouco antes da conferência acabou tendo seus personagens trocados – foram os políticos e assessores municipais que entrevistaram o líder da Coluna Prestes e não os jornalistas que estavam lá para isso. O "Cavaleiro da Esperança", alertou sobre o retorno dos militares e muita gente concordou.

Mogigate

O deputado Jacob Lopes não entrega os pontos e continua a lutar. Após as duas derrotas seguidas que sofreu, a primeira no Tribunal Regional Eleitoral e a segunda no Tribunal de Justiça, onde foi condenado à perda do mandato e a 14 meses de reclusão, recorreu das duas decisões e continua ocupando seu gabinete na Assembléia. Na cidade, às vésperas de mais uma eleição do novo diretório do partido, as derrotas foram saudadas com indisfarçável alegria por

setores do PMDB. E não foi só no meio político que se notou euforia – em diversos outros setores houve também alívio pela decisão.

Jacob, de algum tempo para cá, não conta mais com a colaboração de Tufi Elias Andere, talvez o principal responsável pela sua vitória. Tufi afastou-se do deputado e os motivos não foram nem a política nem o caso *Mogigate*, mas problemas de ordem pessoal entre ele e Jacob.

Foram eleitos

É difícil de acreditar, mas alguns vereadores ainda não se conscientizaram do trabalho e da missão que deveriam desempenhar depois de eleitos pelo povo. Prova disso são as discussões infundáveis, desnecessárias que são travadas no plenário durante as sessões das segundas e quintas-feiras.

Recentemente, mais de uma hora foi absurdamente ocupada pelos vereadores Norberto Camargo e Nelson Mesquita. O último, que já se caracterizou pelo ciúme que dedica às suas indicações, não admitindo que outro vereador apresente trabalho parecido, reclamava justamente de um suposto plágio de Norberto. Pior de tudo: os dois vereadores gastaram um tempo enorme alterando-se verbalmente e não adiantou de nada o deboche manifestado por seus pares.



Prestes: atraindo muita gente, até a direita da cidade

Continuaram elevando as vozes e querendo cada qual valer seu ponto de vista a qualquer custo. Uma indicação, todos sabem, não passa de uma simples sugestão ao prefeito – e também desta vez todos sabem – na maioria das vezes não costuma ter outro caminho que o do puro e simples arquivamento.

Mais vetos

Alguns vereadores parecem dispostos a moralizar os títulos e homenagens prestadas pelo Legislativo mogiano às pessoas que de alguma maneira teriam feito algo pela cidade. O último nome a receber o sinal vermelho foi o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Luís Eulálio Bueno Vidigal. O trabalho foi apresentado pelo vereador Luiz Beraldo de Miranda e não recebeu os dois terços de votos necessários. Seis vereadores, através de voto secreto negaram apoio e a

indicação foi arquivada. Beraldo, indignado, anunciou que não dará mais seu apoio a qualquer proposta do gênero. Prudentemente, uma indicação para homenagear o secretário Argeu Batalha foi retirada de pauta pelo seu autor.

Poucas classes

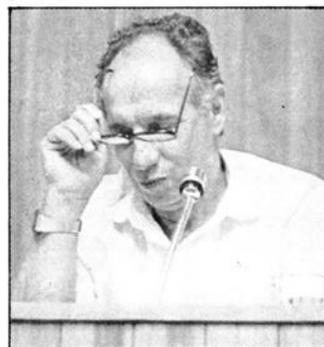
Apesar de não haver um só aluno sem vaga na rede estadual, um levantamento feito pela Divisão Regional de Ensino 5 Leste indicou que só no município de Mogi o déficit de salas é de 64 unidades, enquanto em toda a região esse número cresce para 183.

Esse déficit, no entanto, já vem sendo atacado: 16 salas estão em construção, e outras 25 têm construção prevista ainda para este ano.

Os municípios de Salesópolis, Biritiba Mirim e Guararema são os únicos da área que não apresentam falta de espaço para o ensino. Para 86, a DRE 5 Leste já reivindicou à



Camargo e Mesquita: sem ter o que fazer



Secretaria da Educação mais 350 salas de aula, em prédios novos e em ampliações dos existentes.

Depois de Mogi, o problema principal está em Ferraz de Vasconcelos, com falta de 58 salas.

E o lixo?

Enquanto se estuda a privatização da coleta de lixo na cidade e decide-se quem substituirá a Codemo no serviço, a Prefeitura deveria se preocupar também com o problema dos habitantes de Mogi que não têm um local adequado para jogar fora o lixo, caso isso precise ser feito em dias nos quais a coleta não esteja sendo realizada. O problema existe e pode ser comprovado facilmente. Não se pode estipular, pela vontade das autoridades, os dias em que cada residência terá mais ou menos lixo para dispensar. Por isso, caçambas como as que há alguns meses permaneciam em pontos estratégicos da cidade deveriam ser mantidas pela administração, conservadas e pintadas com criatividade, sem atrapalhar ou poluir o visual da cidade. Com isso se evitariam os lixões que existem em muitos terrenos baldios, onde já proliferam inclusive os escorpiões, além dos ratos, como ocorre na sofisticada Vila Oliveira.

Pela metade

Uma economia de asfalto, ou simplesmente a falta de planejamento e responsabilidade das autoridades municipais poderá provocar acidentes graves em frente a Aços Anhanguera, no início da rodovia Mogi-Salesópolis. Atendendo pedido da empresa, a Prefeitura pavimentou um trecho de acostamento utilizado para acesso a fábrica, mas asfaltou pela metade, obrigando os motoristas que utilizam a estrada em direção a Biritiba Mirim a "cair" no acostamento, de terra, em nível inferior e, pior ainda, sem qualquer sinalização.



O lixo: sem ter onde jogar vai para os terrenos



Gente: um grupo lutando para salvar o pobre Tietê



Mogi-Salesópolis: serviço de baixa qualidade

Berço pobre

O Tietê, que a partir de Mogi já é um rio praticamente morto, está apresentando também agora problemas logo após a sua nascente, em Salesópolis. Já nos primeiros quilômetros o nível de oxigenação do rio mostra-se abaixo do normal, apesar de na área não haver uma única fábrica ou esgotos que possam poluí-lo. A dificuldade, segundo a Cetesb, pode estar na grande quantidade de vegetais que entra em contato com as águas.

O Tietê, aliás, é uma das preocupações do Gente, o Grupo Ecológico Nascente do Tietê, fundado em Salesópolis. Seu objetivo, além da luta pela não-poluição do rio, é tentar que os órgãos de turismo do Estado transformem a nascente do lendário rio num ponto de atração turística.

Sem falar

O secretário Almino Affonso, dos Negócios Metropolitanos, esteve na Câmara Municipal falando sobre a Assembleia Nacional Constituinte e durante um rápido contato com a imprensa negou-se a comentar o *Mogigate*, escândalo em que se viu envolvido por políticos e empresários de Mogi das Cruzes. A reação de Almino provocou surpresa, mas ele explicou: viera a Mogi convidado para falar sobre outro assunto. De qualquer forma, o secretário disse que não estava fugindo do tema, estando, por isso, à disposição em seu gabinete. ATO vai conferir.

A reação do secretário causou estranheza porque dias antes o vereador Ivan Siqueira, sabendo da visita do secretário, enviou-lhe telegrama onde em dois pontos alfineta Almino Affonso. Num trecho, Ivan diz que ele "fez memorável parceria político-eleitoral com o deputado Jacob Lopes", para, em seguida, ao lembrar o *Mogigate*, acrescentar que no escândalo Almino foi "figura destacada".

RODAPÉ

• A professora de História Medieval da Universidade de Mogi das Cruzes, Ivone Marques Dias, 38 anos, terminou sua tese de doutoramento. Ela trabalhou mais de dois anos no tema "O mercado na Idade Média", cuja atualidade, especialmente nos pontos em que a Igreja tem seu papel destacado, chega a surpreender.

• Tarcísio Damásio da Silva, ex-vereador e ex-candidato a vice-presidente na chapa de Francisco Ribeiro Nogueira, é mais um nome que deve deixar o PDS mogiano. Mais gordo alguns quilos e muito bem disposto, Tarcísio diz que ainda não sabe para qual partido irá, mas voltará a se candidatar à Câmara Municipal. "Afinal", comenta "eu nunca deixei de fazer política e atendo de oito a dez pessoas por dia em meu escritório em Braz Cubas, mais do que muito vereador que tem sala e cadeira no Legislativo".

• Até o final deste semestre

poderão ser iniciados os estudos para a elaboração do Plano Diretor da Estância Turística de Poá junto à Secretaria de Esportes e Turismo e o Fumest - Fomento de Urbanização e Melhoria das Estâncias. Segundo o prefeito Miguel Comitre, a conclusão do plano diretor do município permitirá o início dos levantamentos



Miguel Sanchez

para a execução de obras como a instalação de uma rede hoteleira e a construção de lagos, parques e pontos de atração na Cidade Jóia.

• Ainda não se sabe a qualidade artística das 3.400 partituras musicais da autoria de compositores eruditos nacionais e estrangeiros encon-



Ivone Dias

tradas recentemente. Descobertas no interior de um envelope endereçado ao maestro Gaó, durante alguns anos diretor do Teatro Municipal, as partituras (representam 640 músicas) compõem hoje um novo arquivo formado na Biblioteca Municipal.

• A exemplo de outras cidades como Presidente Prudente, as pessoas com mais de 65 anos residentes em Mogi das Cruzes poderão utilizar os ônibus municipais gratuitamente. Isso acontecerá se a Prefeitura aceitar a sugestão do vereador Miguel Sanchez, que quer implantar o passe gratuito. O mesmo vereador também indicou a concessão de um desconto de 50% em passes para funcionários administrativos das escolas do município, atualmente já concedido aos diretores, seus assistentes e professores, além de alunos. Os dois trabalhos do vereador Miguel Sanchez foram aprovados por unanimidade, sem discussões, ao contrário do que era esperado. ●

informe publicitário

A informática ao alcance de todos

Os computadores já não são mais aquelas máquinas complexas, de difícil utilização e destinadas somente a grandes técnicos e estudiosos do setor. A era da informática chegou e com ela os computadores que hoje são grandes aliados não só de empresas de porte mas também de profissionais liberais, estudantes e mesmo de donas de casa, que podem racionalizar suas compras, sua economia e suas atividades com o auxílio destes modernos equipamentos.

Por isso conhecer o mundo dos computadores é, a cada dia, uma necessidade maior de todos e foi pensando assim que a Reprodatta Microcomputadores Ltda, uma firma especializada instalada em Mogi das Cruzes há cinco anos, criou, em seu novo endereço na rua Coronel Moreira da Glória, 144, no centro da cidade, um perfeito show room, onde os mais modernos micros estão instalados e técnicos altamente capacitados estão prontos para uma perfeita demonstração aos interessados.

Além desta exposição de microcomputadores, a Reprodatta, que já atende inúmeras firmas de grande porte e muitos profissionais de Mogi e região, montou, no am-

REPRODATTA



plio sobrado de seu novo endereço, laboratórios e um detalhado departamento de assistência técnica, promovendo maior conforto e trabalhos com rapidez para seus clientes.

A Reprodatta Microcomputadores Ltda é uma firma especializada em venda, assistência técnica e desenvolvimento de software para microcomputadores criada exclusivamente para facilitar as pessoas interessadas em possuir estes aparelhos em toda região, desobrigando-as de viagens até a capital para adquirir, instalar e manter seus micros pessoais ou profissionais.

Deste modo, um microcomputador adquirido na Reprodatta terá sempre a qualidade de uma assistência técnica garantida e instalação indicada, assim como desenvolvimento de programas adequados a cada utilização necessária.

A Reprodatta Microcomputadores Ltda trabalha com micros da Prológica e também atua na área de suprimentos para o setor, fornecendo discos, fitas, formulários e até móveis para CPD (Centro de Processamento de Dados).

O novo endereço da Reprodatta é rua Coronel Moreira da Glória, 144 e seus serviços também podem ser solicitados pelos telefones 469-6640 e 460-1311. Conheça os mais novos lançamentos em microcomputadores em nosso show room e entre na era da informática.

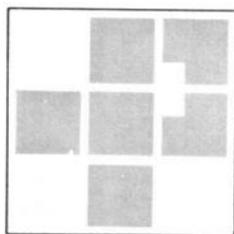
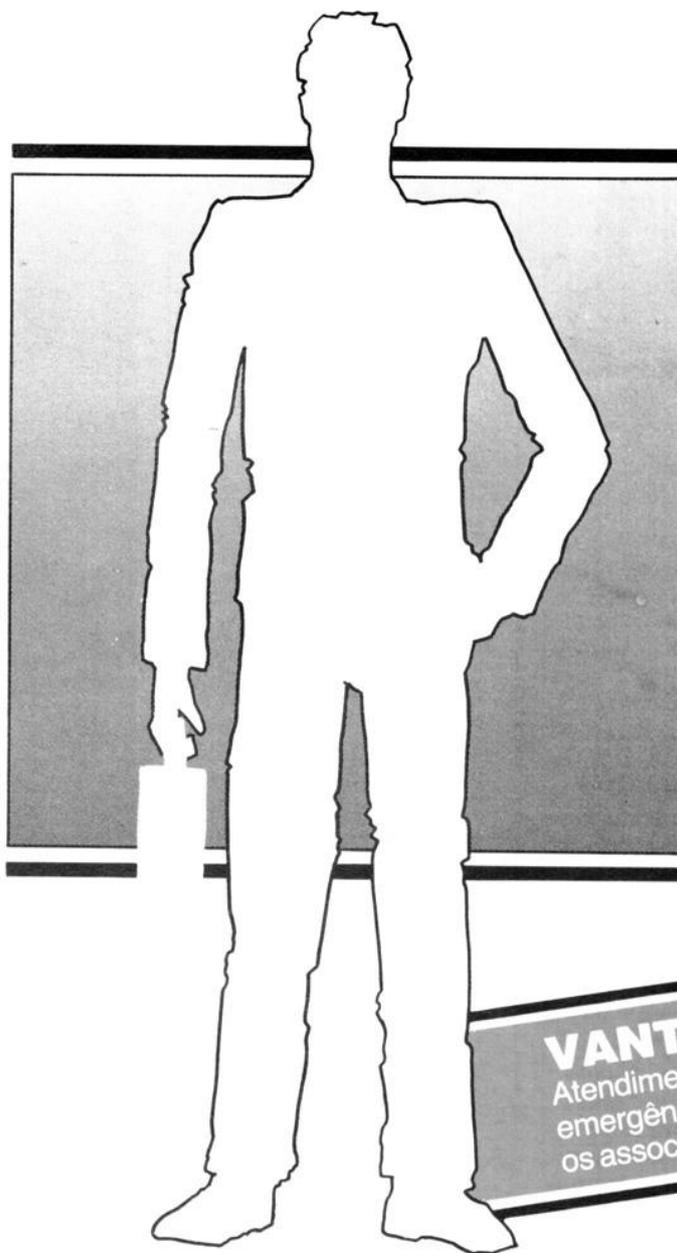
VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?

Na hora da assistência
médica você quer um
profissional que você conheça
e em quem confia,
quer o hospital de sua
preferência, um atendimento
personalizado e humano.

Você quer um plano
sem carência para consulta,
e que lhe garanta
exames de laboratório.

O que você quer, na verdade,
é o PLAMI – PLANO DE ASSISTÊNCIA
MÉDICA INTEGRAL,
– o único da região
que lhe assegura tudo
isso sem burocracias,
exatamente como você precisa.

Na hora da saúde,
bata na porta certa.
PLAMI, o PLANO DE ASSISTÊNCIA
MÉDICA INTEGRAL
aonde você confia no
médico com quem fala.



PLAMI

PLANO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA INTEGRAL
R. Ipiranga, 925 - Mogi das Cruzes - S.P. - Tel.: 469-8506 - CEP 08700

ABRE AS PORTAS DE MAIS HOSPITAIS

VANTAGENS:
Atendimento dentário de
emergência para todos
os associados do PLAMI.

Entrevista



Alceu, o mágico de Olinda

Um repente brasileiro com pitada de estrangeiro, que grilo dá? Pode até envenenar, segundo diz Alceu Valença, em "Rock de Repente", música incluída em seu último LP, "Mágico", e em seu último show, com o mesmo nome, que será lançado brevemente no Rio e em São Paulo. Mas a música nordestina de Alceu Valença fala tanto dos coqueiros de Olinda como dos "Moinhos" de Holanda girando nos ventos. Ou ainda da "Solidão", que é fera, que devora, que faz nosso relógios caminharem lentos.

Aos 38 anos, completando 10 de carreira. Alceu de Paiva Valença, pernambucano de São Bento do Una e o mais novo cidadão honorário de Olinda, se considera ainda um adolescente, um jovem agoniado, a espera de transformações nesse país. Ao receber o título, Alceu provocou uma polêmica na Câmara Municipal, Olindense, por ter comparecido à solenidade, descalço e sem camisa, vestido de caboclinho caeté. Alceu, que desejava homenagear os índios que habitavam Olinda e as manifestações folclóricas comuns no Nordeste, trouxe consigo vários bonecos que fazem o carnaval de Olinda e figuras que compõem o

bumba-meu-boi, incorporadas através de fantasias por populares. Mas alguns vereadores acharam que Alceu os ridicularizou, que houve "desapreço ao Poder Legislativo" e, agora, ameaçam lhe cassar o título.

Indiferentes à polêmica, mais de seis mil pernambucanos, uma semana antes do carnaval, foram ao pátio do Mosteiro de São Bento, assistir ao lançamento do show "Mágico", que se constitui, praticamente, em uma retrospectiva dos 10 anos de sucesso de Alceu, iniciado em 75, após a participação no Festival Abertura, da Globo, e a gravação do disco "Vou Danado pra Catende". Cantando antigos sucessos, como "Coração Bobo", "Morena Tropicana", "Espelho Cristalino", as músicas do seu novo disco, e ainda muito rock, frevo e xaxado, Alceu retribuiu a homenagem do povo de Olinda e fez o carnaval da cidade, o mais animado do país, começar muito mais cedo.

No mesmo dia, em um dos antigos casarões da rua de São Bento, onde reside, a 200 metros do local do show, Alceu falou ao repórter *Gilberto Nascimento*, sobre o seu encontro poético com Olinda, as dificuldades do músico, no Brasil, a sua participação, no filme "Patriamada" e o projeto de um outro filme com Tizuka Yamasaki, além de suas esperanças em relação à Nova República.

ATO – Como foram esses 10 anos de Alceu Valença?

ALCEU – Foi uma batalha incrível, que não parou até agora. É a batalha de fazer música em um país que se torna cada vez mais colonizado, um país que não está olhando para den-

tro, para suas coisas, para a sua cultura. Cada vez mais a gente está virando macaco, macaco anglo-saxônico. Agora, é claro, eu nunca diria que se devem fechar as portas às outras culturas, porque isso seria uma atitude fascista. Eu acho que deve haver uma convivência equilibrada. Eu procuro fazer esse equilíbrio na minha música, que vem daqui

poético com Olinda, como é que eu diria...?.. Eu tive um encontro lírico e poético com Olinda, que marcou muito minha vida. Quando eu vim de São Bento do Una, que fica a 250 quilômetros de Recife, no agreste, já beirando o sertão, eu nunca tinha visto o mar. Eu vim com a minha tia, que estava veraneando, quando aqui era um balneário. Inclusive, eu vi o mar



Fotos Regina Vilela

O Brasil está muito colonizado, não olha para suas coisas

mesmo, de Olinda, dessas mangueiras, desses coqueiros, que saiu daqui do sertão. Evidentemente, eu estou ligado no resto do mundo, embora o meu ponto de visão seja aqui. Sou cidadão de São Bento do Una e, agora, cidadão Olindense.

ATO – O que significou esse título?

ALCEU – Existe comigo um compromisso

de uma perspectiva da rua do Sol, aqui em Olinda. Tinha um casario na frente, que hoje o mar levou. Então, eu olhei de uma esquina, assim, e disse: ôxe, o mar é menor do que o "Açude do Doutor", um açude que existe lá em São Bento. Eu estava numa rua paralela e só vi desse ângulo, dessa perspectiva. Então, em São Bento eu nasci, vindo do ventre de

dona Delma Paiva Valença e do amor dela pelo meu pai, Décio de Souza Valença. Aqui, em Olinda, eu renasci novamente quando vi o encontro da rua com o mar, porque o mar é a mãe também, não é?...

ATO – Você vive em Olinda sempre?

ALCEU – O máximo que eu posso. Tenho essa casa aqui, uma casa que eu acho ma-ra-vi-lho-sa, que é muito simples, do meu jeito, e ao mesmo tempo uma coisa espaçosa. Aqui tem um astral muito bom, foi onde compus quatro dos meus discos. Esse astral, essa tranquilidade acho que é porque deve ter vivido algum músico aqui. Agora, o turismo está querendo aca-



Câmara não entendeu

bar um pouco com o meu sossego. Param em frente a minha casa, tocam a campainha, com fotografias e etc. Então, eu até aproveito a revista aí, para dizer a quem vier à Olinda, não me procurar não, porque é muito chato, tira o meu sossego...

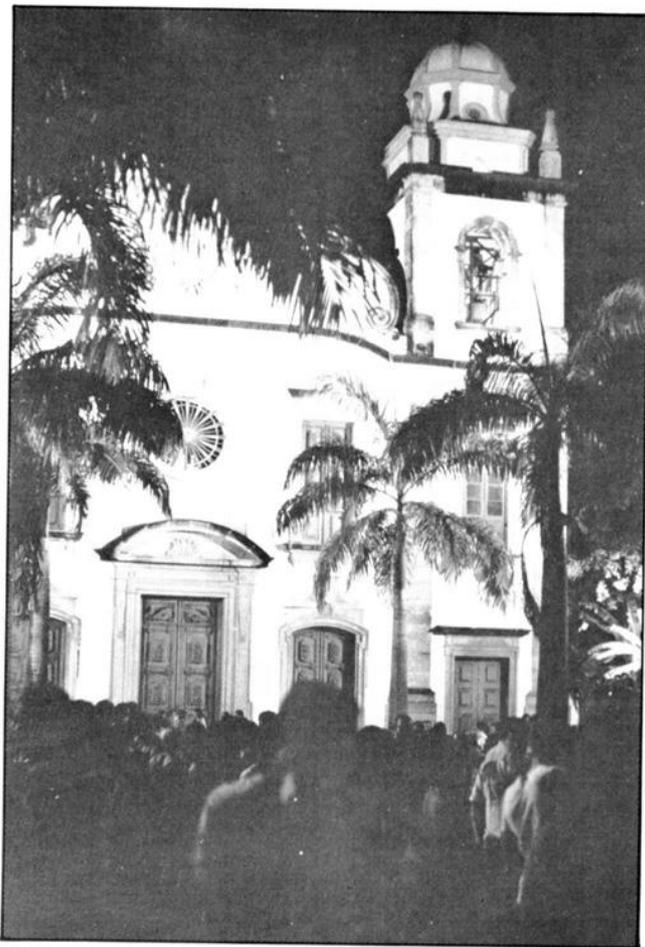
ATO – Ao mesmo tempo em que você faz questão de ser um cidadão de São Bento e Olinda, você não acha que pode ser criticado por ter ido gravar o seu último disco na Holanda?

ALCEU – Pera aí, eu usei um instrumento. Da mesma forma que Paulo Rafael, meu guitarrista, usa uma guitarra Fender, da mesma maneira como

num estúdio brasileiro o equipamento nunca é brasileiro. Eu não ia nem gravar esse disco. Esse disco "Mágico" saiu magicamente. Eu estava pensando era num projeto de um filme. Eu fui gravar na Holanda por uma série de coincidências, como, por exemplo, ao fato de eu ter ido responder perguntas em um programa de rádio, quando eu tinha doze anos, sobre a invasão holandesa. Ao fato também de a invasão holandesa estar aqui, nos olhos dos Vanderleis, nos olhos de Holanda de Pernambuco, os olhos azuis de Pernambuco. Os holandeses deixaram marcas nos canais, nas pontes de Recife, mil coisas. Tem mais: eu comecei a ensaiar a trilha sonora para o filme que eu queria fazer e a primeira música tinha uma holandesa no meio. E ainda outros toques incríveis, que eu nunca tinha levado a sério, como o fato do Mazola, produtor artístico, dizer, por brincadeira, pra gente ir gravar na Holanda. E a namorada de Paulo Rafael sempre insistiu para que a gente, quando fosse à Europa, passasse por Amsterdam. Então, de repente, surgiu o convite para o Festival de Nice e, então, aproveitamos o fato de já estar lá, na Europa, como os músicos e tudo em cima. Eu pensei também no fato de que ia haver um clima muito mais de família, de harmonia, todo mundo no mesmo hotelzinho, um mês junto, indo nos bares. Saiu uma coisa muito afetiva.

ATO – E o projeto do filme?

ALCEU – O filme se chamaria "Caravana". Seria o retrato das pessoas, das caras do Brasil. Ir encontrando o povo e mostrando como muda o Brasil, de acordo com suas



Valença, coqueiros de Olinda e moinhos da Holanda

caras, e ainda o comportamento dessas pessoas diante do mesmo fato. O fato seria o meu show, uma espécie de fio condutor da história. Dentro do filme, evidentemente, teria uma estória, uma ficção, além do documentário. Mas, aí, eu tentei, um financiamento, fui em algumas produtoras e não consegui ninguém para bancar o filme. Sai caro fazer um documentário-musical no Brasil, pois o sistema tem que vir dos Estados Unidos. Mas teve o meu contato com Tizuka Yamazaki e aí as magias surgiram... Só que a produtora dela também não podia financiar o filme, eles estavam direcionados à fazer o "Patriamada". Então, não dava tempo para fazer nem um "clip", nem coisa nenhuma. Mas nós conversa-

mos muito sobre a realidade brasileira, a cultura brasileira, nossos mitos, nossos referenciais, discutimos a nossa geração, que é uma geração que ficou na cerca durante muito tempo. Falamos sobre depois do AI-5, que os jornalistas, a intelectualia brasileira só ficou muito na coisa do tropicalismo. Como o Belchior dizia, nossos ídolos ainda são os mesmos. Eu acho, por exemplo, que Caetano, é, foi, e sempre será jovem e atual, mas a intelectualia e a imprensa pensavam que nada mais surgiria, não confiavam mais na inteligência dos que vinham surgindo. Aí, nossa geração se desencontrou. Falamos também do traumatismo que Glauber colocou na cabeça das pessoas, como um gênio que ele era, falamos do cavalo

de São Jorge, o santo protetor do povo brasileiro... De repente, o filme "Patriamada" saiu com o logotipo de cavalo de São Jorge e a fita que eu mandei para Tizuka, da Europa, ficou fazendo parte da trilha sonora. Eu participei do filme e fiquei ainda quase como diretor musical. "Solidão" abre o filme, tem ainda "Cambalhotas" e um frevo de Carlos Fernando. O outro projeto ficou para depois...

ATO – Você falou do tropicalismo, o que representou esse movimento, em sua opinião?

ALCEU – Foi uma abertura incrível, num momento brasileiro e mundial que pedia isso. Naquele momento, também se tentava derrubar a ditadura, era um protesto contra o governo autoritário. Era uma revolução de costumes, foi bom para a nova geração. Mas, agora, é necessário também que se releia o tropicalismo. No Brasil, há um problema muito sério de auto-crítica, ninguém faz, todo mundo se guarda. E existem umas coisas que são sacramentadas, ninguém toca. O tropicalismo é uma delas, como é também a Semana de 22, que foi o maior movimento cultural brasileiro, mas precisa ser revista. No Brasil, principalmente no Rio e em São Paulo, estava tudo tão europeu – não o povo, mas a aristocracia e a classe média – e os artistas, que vêm da pequena burguesia, para se comunicar com seu público precisam usar uma linguagem híbrida, uma linguagem europeia misturada com a brasileira. Isso é um novo produto cultural, que é o maior barato, mas que é reflexo também do colonialismo. Acho que os intelectuais deviam estudar isso...

ATO – Porque é difícil

fazer música no Brasil, como você afirmou?

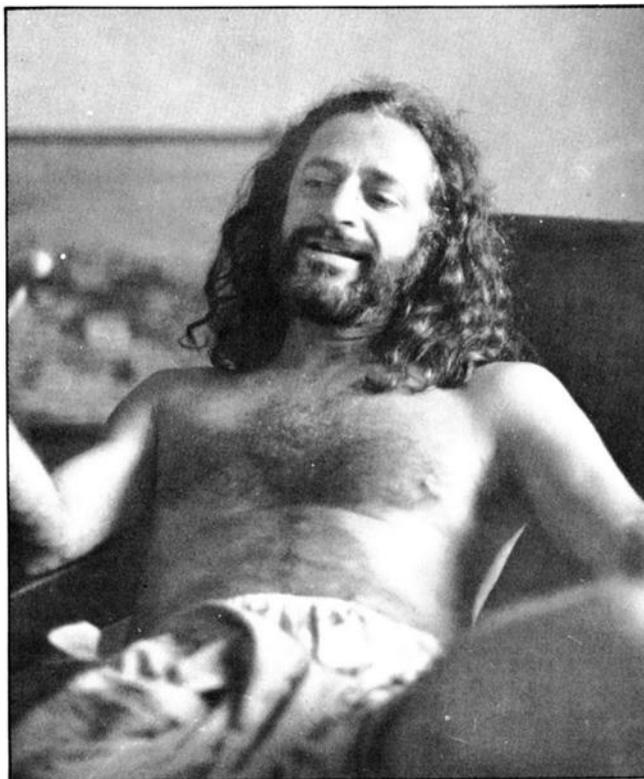
ALCEU – Porque existe toda uma colonização incrível, aí, no rádio, na TV. Você só vê trejeitos e coisas que nada tem a ver com você. Então, é difícil, eu tento fazer alguma coisa minha, mas está difícil para quem vem atrás de mim...

ATO – Muita gente, no Sul, tem a impressão de que depois do surgimento de você, de Elba Ramalho, o mercado foi aberto para os nordestinos. Isso é real?

ALCEU – É preciso

está existindo a partir da ótica do Rio e São Paulo...

As vezes falam que tem nordestino como o diabo na televisão. Perguntem agora quantos cariocas estão aí nas paradas. Quando o nordestino chega lá, dá a impressão de invasão. É preciso ter cuidado, porque isso é uma visão meio xenófoba, as pessoas não se apercebem disso. E ainda tem o seguinte: os nordestinos não são de um Estado só, são de regiões diferentes. Eu sou de Pernambuco, não tenho nada a ver



Confiando no futuro e batalhando sem concessões

colocar uma coisa: o Brasil é centralizado em São Paulo, Rio e, o governo, em Brasília. Aqui, no Nordeste, em Pernambuco, inclusive, os artistas estão sofrendo com a crise da identidade cultural, já que sociólogos e mil outras pessoas estão dizendo que o Brasil não existe mais, que agora com a televisão, as multinacionais e tudo, acabou a regionalidade. O Brasil existe sim, só que só

com a Bahia. O Ceará não tem nada a ver com aqui, isso só se parece dentro da ótica dos paulistas e cariocas... O importante mesmo é se colocar que eu sou um cantor brasileiro, da mesma forma que Roberto Ribeiro é um cantor brasileiro e Rita Lee é uma cantora brasileira.

ATO – No seu trabalho, você sempre procurou retratar as coisas do Nordeste, os coqueiros de

Olinda, os bonecos e maulengos, por exemplo...

ALCEU – Exatamente, agora no Sul é que não está existindo a preocupação de se mostrar as coisas do Sul. Está tudo muito descaracterizado, embora no Rio ainda existam as escolas de samba e tal. Acho que São Paulo, por exemplo, tinha que cantar suas coisas, suas tradições. Eu estou ainda aqui, muito próximo das minhas coisas, do inconsciente coletivo do povo nordestino. Estou fazendo o que é do meu coração, da minha alma, minha alma nasceu aqui. Por outro lado, no meu trabalho, não existe uma preocupação em se mostrar as coisas, é um lance natural, não tem nada pensado, como do tipo eu agora vou mostrar um boneco, eu agora vou andar num cavaleiro, vou cantar um coco. Não tem nada didático. Eu mostro o que eu sou, como o Rod Stewart mostra as coisas dele, o blues da Inglaterra. Como o Iron Maiden, no *Rock in Rio*, também trouxe um boneco, que tem a ver com ele. Como um cidadão, que pensa, eu não me conformo com a sacanagem que estão fazendo com a cultura da gente. Como artista, quando estou compondo, eu não penso em nada, só na música, como o sambista toca o samba, o baiano o berimbau e etc...

ATO – O *Rock in Rio* foi criticado por alguns setores da MPB. Você se apresentou lá e foi um dos artistas mais ovacionados. Como foi isso?

ALCEU – Foi excelente. E acho que foi apenas porque eu cheguei lá e mostrei uma coisa original...

ATO – Na sua opinião, o que é arte popular?

ALCEU – É a arte feita pelo povo, arte até anô-

nima. Arte popular é a arte dos coquistas, uma coisa de tem uma tradição muito grande. É a arte dos veleiros, é o samba...

ATO – Você acredita que transmite isso na sua música?

ALCEU – Não, o que faço na minha música já é produto industrializado. Luís Gonzaga já é o primeiro produto industrializado da nação nordestina. Ele pegou todas as coisas da sanfona, do coco, do pé de serra, que o povo fazia, e colocou em disco... Eu ouvi isso, ouvi Luís Gonzaga. Sou produto do que ouvi aqui e acolá, sou produto de Luiz Gonzaga, de Elvis Presley, de uma pitada de estrangeiro, de alguma coisa de Zé da Flauta, da influência de Paulo Rafael, dos músicos que tocam comigo. E eu acho que o artista popular é mais direcionado numa coisa só, só faz aquilo. O coquista só toca o pandeiro, já não toca o frevo. A gente abrange um pouco mais essa coisa...

ATO – O que seria necessário para dar vazão à essa produção popular?

ALCEU – Acontece, como em todo o Ocidente, que existe no país uma indústria cultural capitalista que não vai dar vazão à música do povo, pois isso não dá dinheiro, não é? E talvez seja uma das coisas mais bonitas que está aí... (e canta... "De cá o remo/ o remo para eu remar/O remo partiu/quebrou-se maninha/ Lá no alto do mar"... Bonito, não é? Bonito demais...

ATO – Porque o Nordeste é carente e sofrido demais?

ALCEU – Exatamente pela política que está aí. Os presidentes são financiados por grupos... Onde é que estão os grupos que financiam campanhas e tal?

Onde está o poder econômico, está o poder político, quase sempre. Então, não tem ninguém que olhe pra cá...

ATO – Você teria alguma proposta a nível de uma nova política cultural para o governo atual?

ALCEU – Acho que deviam, pelo menos, fazer cumprir ou elaborar uma nova lei de Direito Autoral mais decente. Isso não funciona. Aqui, pode tocar a música que fôr e a gente tem que mandar o dinheiro para o Sul e, de lá, é distribuído, de acordo com um mapeamento que, praticamente, só abrange Rio e São Paulo. Capiba, compositor pernambucano, toca direto em Recife, mas Capiba não recebe um tostão... O problema é mais amplo mesmo, a gente precisa começar a perguntar, aí, quando é que o Nordeste vai começar a ser

Brasil. Vamos ver se marcamos uma data aí para o Nordeste começar a ser Brasil...

ATO – A questão da briga com as gravadoras, para que o artista não seja um produto industrializado, como ela se dá, na prática?

ALCEU – É difícil. O sistema corrompe. Então, os artistas também são corrompidos. Não todos... Agora, o artista que aceita botar um gancho em uma música porque o produtor diz que vai vender, então, esse artista é um corrupto, foi corrompido pela indústria. Isso já está virando uma coisa natural, já é natural ser corrupto. Então, quem não compactua com tudo isso, vive o tempo agoniado. É o meu caso e o de alguns poucos que sustentam essa barra da criação. São poucos...

ATO – O que você achou da reação dos vereadores que lhe deram o título

de cidadão de Olinda?

ALCEU – Eles acharam que houve desrespeito à Câmara de Olinda, porque eu botei os bonecos de Olinda na Câmara, o "Homem da Meia Noite", o cavalo-marinho" e mais uns guerreiros. Acharam que era desrespeito meu, porque eu comecei o meu discurso falando... (risos): Senhores bonecos, capitão do bumba, excelentíssima Ema (que é uma figura do folclore), vereadores desta casa e tal. Mas foi com o maior carinho que eu fiz isso, não tinha nada a ver, sabe. É porque eu sou isso, sou fruto dessa cultura popular que eu amo. Eu me vesti de caboclinho, porque essa é a manifestação folclórica mais desprezada por aqui. E os pobres dos caboclinhos, com suas peninhas, são lindíssimos, bonito demais. Então, fui fazer uma homenagem aos caboclinhos...



O tropicalismo foi abertura incrível, num tempo em que o Brasil estava pedindo isso

Palco



Freud Luisi e Sarah 'Carrero'

No mesmo ano em que Freud publicava seus estudos sobre o ego e o id, a atriz Sarah Bernhardt morria em Paris, aos 78 anos. Entre aquela que foi considerada a mais famosa intérprete de seu tempo e o polêmico explorador dos meandros do subconsciente e inconsciente do homem, pouco mais de dez anos de diferença, o que se fez participando de um só tempo, cuja aparente harmonia velava os inevitáveis rompimentos que levariam no século XX. Sarah Bernhardt e Sigmund Freud agora estão juntos nos palcos, em peças de John Murrell e Henry Denker, que chegam após o sucesso obtido no Rio de Janeiro, respectivamente nos teatros Maksoud e Aliança Francesa.

Em "A Divina Sarah", no Maksoud (alameda Campinas, 150), a atriz um ano antes de sua morte, muito distante daquela mulher que Nadar fotografou escondida atrás de um leque, esbelta demais para os atuais padrões de beleza, que relembra fatos marcantes de sua vida ao lado de seu secretário, da aluna rebelde à diva internacional que no auge de sua carreira tem a perna amputada, o que não a impede de representar, de excursionar, de descobrir o cinema, a quem deu o impulso de seu prestígio. Sarah é

Tônia Carrero e o secretário é Cecil Thiré, seu filho, que imprime humor a divagações próximas da autocomplacência. A direção é de João Bethencourt.

Como Sarah, Freud também revive a sua história no Teatro Aliança Francesa (rua General Jardim, 182), com direção de Flávio Rangel e interpretações de Edwin Luisi e Ariclê Perez. "Freud, no Distante País da Alma" discorre sobre um jovem médico de 36 anos e uma moça bela e rica da sociedade de Viena, Elizabeth von Ritter, que viria a ser considerada o

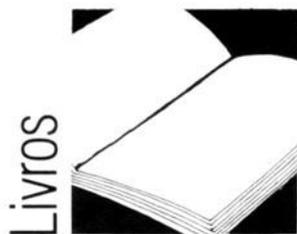
marco inicial da psicanálise. Ela se queixa de dores nas pernas, Freud percebe sintomas de histeria e ao invés de eletrochoques e hipnose resolve investigar seu subconsciente, chegando às raízes mais remotas do problema. Como Sarah, Freud rememora enquanto aguarda a morte.

Personagens próximos e distintos, tanto Sarah como Freud tiveram suas "sombrias" – Eleonora Duse e Carl Gustav Jung –, a quem os contemporâneos e posteriores atribuíram maior ou menor importância.

Federico Mengozzi



Edwin Luisi e Tônia Carrero: brilhantes e competentes



LIVROS

'Dama da Noite', um bom livro

Dama da Noite, de Alita Sá Rego, é o n.º 30 da coleção Cantadas Literá-

rias, da Editora Brasiliense. Uma coleção que começou brilhantemente com "Porcos com Asas", "Tanto Faz", "Morangos Mofados" ou a inefável poesia de Ana Cristina César em "A teus pés", para ter seu momento de mais durável brilho como o "Feliz Ano Velho", de Marcelo Rubens Paiva.

O livro de Alita certamente não será um dos mais lembrados por quem for fazer um balanço da coleção, daqui a uns anos – mas tem um valor muito próprio. É uma história

comum a milhares de mulheres dos anos 60 e 70 – a moça que casa cedo, tem filhos, se separa, trabalha loucamente para sustentar os filhos pequenos de um marido quase sempre ausente, financeira e moralmente, e nem por isso desiste de encontrar o amor.

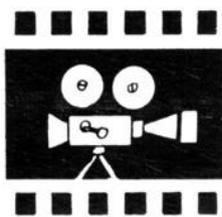
O que dá valor especial à história de Alita – indistintamente autobiográfica – é a sua sinceridade. Uma honestidade quase ingênua, mas que faz o leitor esquecer qualquer banalidade mais gritante. E os títulos dos capítulos: tão bonitos, que às vezes basta ler o título! Os três primeiros são – e valem pelo resumo da história – são Cena de um casamento, Domingo em família, e O dia em que fui embora. Alguém reconhece o roteiro?

Dois títulos se repetem: Dama da noite, quando a autora conta as suas andanças noturnas, as aventuras/desventuras; e Pensamento. Que são isso mesmo: reflexões sobre. Como: "Tenho que ser forte. Mas acho que a solidão não vai ser fácil de suportar. Vai ser difícil matá-lo, arrancá-lo de mim, sem morrer um pouco também. Afinal de contas, foram sete anos e dois filhos. E isso não se tira da vida da gente assim, de uma hora para outra". Sem dúvida. O livro começa, de verdade, quando ela diz que "de agora em diante vou querer ser bem moderna, transar sem me envolver, manter meu coração bem distante de qualquer paixão".

Será que consegue? Leia "Dama da Noite", 138 páginas de pura emoção, e descubram.

Cecília Thompson

Cinema



'A Marvada Carne', vale a pena ver

Quando André Kloetzel era aluno da ECA/USP, idos de 1975 e pouco depois, a maioria de seus colegas do Curso de Cinema o apontavam como um rapaz meio amalucado, anárquico por completo e que, caso persistisse, poderia ser um bom fotógrafo ou montador. Palavras dos colegas mais veteranos, muitos deles hoje seus assistentes. O "louquinho" da ECA conseguiu feito inédito – e merecido. Seu primeiro longa-metragem, "A Marvada Carne", entrou desprezioso no último Festival de Gramado e saiu com 8 prêmios. Todos os principais. E, pasmem, conseguiu uma unanimidade inaudita: foi o melhor no júri, na votação entre o público e até mesmo entre os tradicionais críticos, chatos por profissão.

O filme tem qualidade, é evidente, e a principal é a singeleza, a despreensão, a simples vontade de se mostrar a cultura caipira pelo lado mais correto dela – pela ótica dos próprios caipiras, não pelo viés do intelectual tipo "cheguei faz meia hora e sei deles mais do que eles mesmo", uma figura nem um pouco inusual neste Brasil. Pouco importa a história simples do caipira que queria comer carne de boi e casar e da mocinha que o enganou oferecendo como dote essa

carne, que nunca existiu. O que importa é que o filme conseguiu os prêmios não só pela qualidade intrínseca, mas pela falta de qualidade dos concorrentes. Este foi o pior festival de Gramado de todos os tempos. Conseguir juntar os seis concorrentes foi uma aventura pois havia 11 candidatos, o que faz supor que os cinco "sobrantes" eram ainda piores.

E o que mais importa ainda é que, a exemplo do vencedor de Gramado em 1984, "O Baiano Fantasma", de Denoy de Oliveira, esse foi um filme espezinhado, maltratado, malvisto e quase comprometido pela comprometida Embrafilme, a financiadora, que o boicotou até não mais poder. "A Marvada Carne" ficou parado várias vezes por falta de

verbas. Para a Embrafilme o importante é fazer alguns diretores (coincidentemente, todos cariocas, todos amiguinhos da corte, todos vendo o mundo através de um espelho colocado na altura do umbigo) locupletarem-se durante a produção de um filme e o caso de Gustavo Dahl em "Tensão no Rio" é típico. Dizem as boas línguas que no orçamento estava o aluguel de um casarão que acabou sendo comprado e o produto da revenda foi embolsado por ele e não devolvido à Embrafilme. Certo, o nome é corrupção. Pior de tudo é que querem fazer de Dahl o novo diretor-geral da Embrafilme. Nova República, muita atenção. Precisamos é de mais "A Marvada Carne"

Maurício Ielo



"Marvada Carne": ninguém acreditava em seu diretor



Discos

'Sessão da Tarde', um disco ruim

Quando a gente acaba de ouvir *Sessão da Tarde*, o novo disco de Leo Jaime – esperado com tanta expectativa – a primeira reação que vem é uma grande decepção. Verdade. O disco tem um capa belíssima – trabalho de Geraldo Alves Pinto (filho de Ziraldo). Tudo muito bem produzido, tudo muito bem trabalhado. Mas o conteúdo? A gente coloca o disco para tocar novamente. Ouve duas, três vezes. E até acaba descobrindo duas



Leo Jaime: bem fraco

músicas, digamos "agradáveis": "Só" e "O Pobre", esta em parceria com Herbert Viana, o de "óculos", do Paralamas do Sucesso. São as duas coisas boas que conseguimos pescar no *Sessão da Tarde*.

Leo Jaime surgiu no cenário do rock brasileiro com duas músicas hilariantes: a versão "Telma eu não sou Gay", cantada por Ney Matogrosso, e "Rock da Cachorra", na voz de Eduardo Dusek. No ano passado, lançou seu primeiro LP, *Phodas C*. Considerado um trabalho pornográfico, teve problemas com a censura.

Agora Leo Jaime volta com *Sessão da Tarde*. O disco até que tem uma ou outra passagem forte mas, na verdade, as letras são fracas, fracas. Quando tenta ser engraçado, muitas vezes passa despercebida uma ou outra ironia. O produto final é um amontoado de músicas "sem sal", sem a menor emoção. Nem mesmo quando Leo brinca com dona Solange, a ex-toda poderosa chefona da censura, a gente se emociona ou acha engraçado.

Fica uma pergunta no ar quando acabamos de ouvir

Alberto Villas

Exclusive (Car Design)



DALLAS



OREGON

SIDCAR

Com as cabines duplas da SIDCAR para pick-up ou caminhão, de qualquer ano ou marca, suas vantagens não ficam no papel. Você ganha duplamente. Além do serviço garantido por 2 anos, com Certificado, você encontra vários modelos à sua escolha.

MONTANA



Consulte-nos. Tel.: 469-6803



De volta dos Estados Unidos, onde esteve com seu líder Ivan Siqueira e o secretário Carlos Arnone, visitando a Disneyworld, entusiasmado o prefeito Machado prometeu na Câmara perante os vereadores: instalação de um "complexo turístico" no

Parque Municipal, com brinquedos semelhantes aos existentes na Cidade da Criança, em São Bernardo do Campo.

Do cronograma do projeto constam as seguintes parafênias: aldeia indígena, um carrossel, maçã do

amor, xícara maluca, centro de convenções, viagem sub aquática, casa maluca, réplica de Mogi antiga e ainda, a longo prazo, um heliporto, um hotel e a Cruz do Século.

O projeto terá início ainda este ano e o término está

previsto para o fim do seu mandato.

Prometeu ainda: não cobrará ingressos de acesso à Ecolândia e se uma árvore for cortada, renuncia ao seu mandato.

Opinião da coluna: vamos acreditar, fiscalizar e cobrar.

Ônibus: ameaça



Almino Affonso, furioso: "Se vocês continuarem reclamando da Eroles, Manzalli e Pássaro Marrom, vou chamar o Mogizão de novo".

Ônibus caros



Toninho Eroles aos passageiros: "Mesmo que o preço da passagem tenha subido de 500 para 900 paus, eu posso provar que não estou tendo lucro nenhum. Se eu estou rico. Claro, eu jogo e acerto sempre na Loteria Esportiva, podem crer".

FILME TRISTE

Nostalgia



Padre Mello: Aqui do meu longínquo Ceará, onde Deus manda em excesso, ora chuva, ora sol, sinto saudades de Mogi, dos eleitores e dos meus alunos da Omec. Infelizmente, sei também que os únicos que lembram de mim daí com saudades são o Tarcísio e o Luís Teixeira".

Liz Taylor de Mogi



Rosa Portella: "A Elizabeth Taylor trocou de marido cinco vezes, tá? Eu como não posso, pois marido aqui é artigo raro, já troquei de secretária cinco vezes, morô."

Ônibus: caros e ruins



Besnos perdoadando: "O Chico me falou que a Manzalli e a Pássaro Marrom estão piores que o Mogizão. Se vocês quiserem, eu esqueço tudo, reformo os meus ônibus dou um alô pro Almino e começo tudo de novo".

PERFIL



Deocélia: marcando viagens e programando as férias de João Reis



Louraci: respeito pelo chefe

PROFISSÕES

Pelos chefes

As secretárias tornam menos dura a vida de seus patrões

Discretas, eficientes e invariavelmente simpáticas, elas estão em permanente prontidão controlando agendas, atendendo telefonemas, organizando arquivos e reuniões numa rotina incansável que não dispensa a perspicácia e uma certa intuição para desembaraçar situações corriqueiras no dia-a-dia dos gabinetes políticos e empresariais. E assim, por exemplo, a rotina da secretária Ana Lúcia da Silva, 33 anos, dez dedicados à profissão atualmente exercida no gabinete da presidência da Câmara Municipal, onde atende também os demais vereadores e grande parte do público que chega ao Legislativo pedindo alimentos, trabalho e moradia. Alguns desses pedidos são atendidos pela própria secretária, que guarda com carinho os presentes e as cartas de agradecimento aos problemas que resolveu. Com orgulho, ela, formada na Álvares Penteado, dá

sua receita para o bom desempenho na profissão: "Uma secretária tem de ser discreta, saber contornar situações delicadas com tato e simpatia".

Sandra Carvalho Crespo, 28 anos, secretária do delegado regional do Sesi, Sérgio Moretti, além de Secretariado é formada também em Matemática e atualmente cursa a faculdade de Direito, olhando para o futuro de sua carreira profissional, que deverá seguir outro rumo, pois considera limitadas as chances de ex-



Sandra: sem futuro na região

pansão para secretárias na região. Após seis anos de casa, Sandra reúne experiência suficiente para conhecer bem seu setor e seu chefe. "Em certas circunstâncias, a comunicação com ele se dá por gestos e olhares que me orientam sobre a maneira adequada de agir". "É um sexto sentido que toda secretária deve assimilar" — ensina, para acrescentar: A secretária não tem o direito de estar mau humorada".

A correria do dia-a-dia e o volume de trabalho impedem um maior contato entre as profissionais dessa área. Várias delas se conhecem apenas por telefone — tornam-se amigas, sem jamais se encontrarem pessoalmente. Maria Irlene Machado Melo, 26 anos, "gostaria de um maior entrosamento com as colegas", o que, a seu ver, tornaria ainda mais ágil o trabalho diário das secretárias. Todas as manhãs, quando chega ao gabinete de seu chefe, o prefeito Antonio Carlos Machado Teixeira, Irlene dedica-se aos afazeres rotineiros numa maratona que quase sempre ultrapassa o horário normal do expediente. Além dos serviços convencionais, ela cuida das viagens do prefeito, do controle de seus assuntos bancários e da manutenção de seu estoque de cigarros.

PIPO RESTAURANTE

A seu gosto

O PIPO RESTAURANTE é especializado nos pratos mais saborosos da nossa cozinha: PICANHA e BACALHAU. Venha provar! E conheça um restaurante de dar gosto.

4.^{as} e sábados feijoada especial

Av. Lourenço de Souza Franco, 115 - Jundiapéba
(em frente ao Auto Posto das Palmeiras)
Fone 469 8423 - Mogi das Cruzes

CK KIWOKAWA
imóveis creci 8287

**O ENDEREÇO CERTO
DOS BONS NEGÓCIOS
IMOBILIÁRIOS**

R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - SP
Tel. 469-4211 (KS)



Irlene e Ana Lúcia trabalham com políticos e precisam de muito tato e experiência para controlar as suas agendas, triando as audiências.

Consciente de seus deveres e comparando a prefeitura ao "coração de uma cidade", a secretária do prefeito tria, cautelosamente, quem deve ou não entrar em seu gabinete, tratando de encaminhar cada assunto ao setor competente do Executivo.

Observadora, ela sabe detectar o humor de seu chefe durante a semana de trabalho.

Não é a única. Louraci Della Nina Tavares, 47 anos, dois filhos, tinha certeza de que as coisas não estavam bem quando o ex-prefeito Waldemar Costa Filho chegava ao gabinete tremendo nervosamente as bochechas do rosto. Nestes dias a rotina tornava-se imprevisível

Hoje, Louraci é secretária do titular da Secretaria de Obras da Prefeitura, engenheiro Laudicir Zamai, e recorda-se ainda de quando escutou no rádio sua convocação para integrar o primeiro escalão de Waldemar Costa Filho, eleito em 76 para o

segundo mandato como prefeito. "Não me contive e chorei desesperada", relembra.

Essa admiração pelo chefe é igualmente cultivada pela secretária de João Manoel dos Reis, diretor industrial da Dresser Indústria e Comércio Ltda., Deocélia Magalhães, 44 anos. Com cursos de Secretariado Executivo, Direito e Estudos Sociais, ela domina ainda o inglês, que estudou na Universidade de Michigan. Há mais de 11 anos na Dresser, Deocélia não se limita ao trabalho rotineiro: ela pode tanto organizar as viagens de negócio do patrão como suas férias, ajudando-o ainda na dieta alimentar a base de frutas e participando de um antigo *hobby* do empresário - a catalogação de vinhos nacionais e estrangeiros por preço e qualidade, antes de descerem a sua adega particular. No decorrer da semana ainda sobra-lhe tempo para as aulas particulares de inglês e o cultivo de plantas, "outra mania típica das secretárias". ●

Na cidade, 250 alunas se preparam

Cerca de 250 estudantes do 2.º grau frequentam em Mogi os dois cursos de Secretariado existentes, um na Escola Técnica Estadual Presidente Vargas, ligada à Unesp, o outro no Liceu Braz Cubas. Segundo a professora Dione Romano, 51 anos, diretora da Presidente Vargas, o principal motivo que leva estudantes ao curso é a necessidade de emprego, vindo depois a vocação.

Durante os três anos de formação, além do núcleo comum do 2.º grau as alunas (raramente há homens interessados) convivem com matérias como datilografia, conhecimentos de Estatística, Direito e processamento de dados, mais um estágio prático. "A prática é que vai proporcionar êxito na profissão" diz a professora e psicóloga Patrícia Martins, 27 anos, que



define como deve ser a secretária eficiente: "Ela deve possuir a classe de uma dama, a memória de um computador e a resistência de um camelo".

Patrícia: a prática é muito importante

KIYOKAWA
imóveis creci 8287

**VENDA E ADMINISTRAÇÃO
DE BENS COM ASSISTÊNCIA
JURÍDICA COMPLETA**

R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - SP
Tel. 469-4211 (KS)

estacionamento e lavagem

GILSON CAR

- estacionamento com seguro contra roubo e incêndio
- lavagem simples e completa
- troca de óleo
- coleta e entrega de veículos à domicílio

tel. 469-6660

r. major pinheiro franco, 155 • r. prof. flaviano de mello, 690

INOVAÇÕES

Com filmes

Strogonoff e novas idéias disputam o espaço da noite

A experiência adquirida ao longo de cinco anos em São Paulo, somada à disposição de "fugir da violência da Capital" e à "paixão pela cultura", motivou o jornalista Edson Camargo, 32 anos, e sua mulher Rossana, 22, a montar na Vila Hélio o Strogonoff's Bar, uma casa diferente e repleta de novidades para os frequentadores da vida noturna da cidade.

Além de pratos quentes à base de strogonoff servidos sempre à noite, dez tipos diferentes de coquetéis com nomes de estrelas de cinema compõem o cardápio do Strogonoff's. Sua proposta cultural fica por conta do jornal *Transas do Strogonoff's*, distribuído quinzenalmente aos fregueses da casa, e dos filmes Super 8 exibidos todos os dias.

As inovações não param aí. No ambiente do bar, decorado como um camarim, os frequentadores possuem uma maneira própria de comunicar-se entre si e com os anfitriões.



Rossana e Edson: atrativos diferentes para a clientela

tões e idéias. O painel, próximo às mesas, acolhe recados, dicas e paqueras que even-

"O que queremos é formar um ambiente tranquilo para casais, um local para se conversar", define Rossana, que junto ao marido cultiva novos planos: brevemente, promoverá desfiles de moda da boutiques instaladas na Vila Hélio.

A Vila Hélio, aliás, pode ter todas as suas casas, com o tempo, transformadas em comércio, já que suas características contribuem para isso: é um núcleo compacto entre duas ruas de trânsito fluente, facilitando o acesso e, depois, a circulação dos compradores. De noite, pode vir a ser um canto boêmio.

CLÍNICA INFANTIL SÃO NICOLAU (CISNI)

**Consultas, Internações,
Vacinas, Curativos e
Inalações.**

**Oxigênio em todos
os quartos.**

Fazemos convênios.



Médicos especializados.

**Doenças de crianças,
Puericultura,
Regimes Alimentares.**

**Atendimento dia e noite,
inclusive
nos domingos e feriados.**

Rua Navajas, 365 - Fones 469 1444 e 469 1469 - Mogi das Cruzes



Na loja, um estoque para decorar com exclusividade

PRESENTES

Veza do luxo

Surge na cidade um novo conceito de loja de presentes

A rua dr. Corrêa, que liga dois pontos tradicionais da cidade, o largo do Bom Jesus e o largo do Carmo, será um novo corredor comercial da cidade e foi exatamente por isso que a comerciante Geni Pomares Mendes, 33 anos, resolveu montar lá sua loja de presentes finos e

decoreção, que surgiu com uma oferta de três mil peças, com preços variando entre Cr\$ 5 mil e Cr\$ milhões. A filosofia da Geni Presentes, explica a dona, é trazer para a cidade desde a possibilidade de se comprar um sofisticado tapete persa até a encomenda de uma peça decorativa que integre, por exemplo, o cenário de uma novela de televisão. "Atualmente, a decoreção é muito influenciada pelo que a TV veicula, em especial as peças mostradas em novelas, e eu terei condições de adquirir esses artigos cobiçados. Poderemos não só atender pedidos como também auxiliar em projetos de decoreção".

A idéia de montar a loja nessa linha surgiu quando a comerciante realizava a de-

coreção de sua residência. "Eu tive dificuldades para encontrar o que queria, pois o comércio da cidade se dedica mais às pratarias e cristais. Fui, então, amadurecendo a intenção, aliada à vontade que sempre tive de ter o meu próprio negócio", conta ela, que está no setor há 20 anos com o marido Vasconcelos, dono do depósito Skol.

Geni não quer parar aí. "Eu vou ter ainda um magazine com milhares de peças de decoreção, até com móveis especiais." Influenciou também sua decisão de montar a loja o fato de querer trabalhar junto com as filhas, quase todas formadas e enfrentando os problemas de um mercado de trabalho saturado.

A inauguração da Geni Presentes é mais uma constatação de que o comércio da cidade cresce rapidamente — nos últimos meses aumentou bastante o número de novas lojas, sinal mais que evidente de que o setor está sendo encarado como bom negócio.



Geni: o próprio negócio

KYOEI seguros

Confie numa empresa que tem patrimônio como garantia.

SEGUROS DE:

- Ramos elementares
- Vida em grupo
- Vida individual

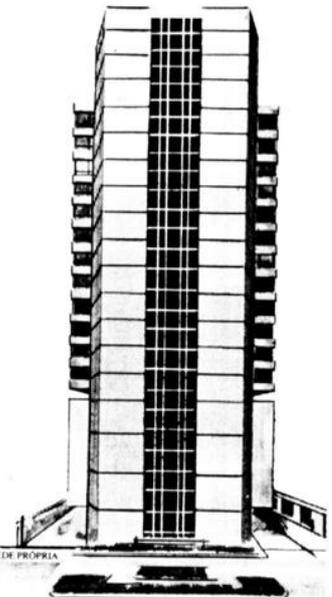


KYOEI DO BRASIL
COMPANHIA DE SEGUROS

Av. Paulista, 475 -
2.º, 9.º, 14.º, 15.º, 16.º and.
PABX: 251-1099 -
São Paulo - SP

INSPETORIA DE MOGI DAS CRUZES

Rua Dr. Deodato Werthelmer, 1.605
6º Andar - Sala 63 - Tel.: 469-1939
CEP 08700 - Mogi das Cruzes - SP



EDIFICIO KYOEI PAULISTA - SEDE PROPRIA

**ESCOLA BANDEIRANTES
DE MOGI DAS CRUZES**
MATERNAL - PRÉ-PRIMÁRIO
1.º GRAU (1.ª A 8.ª SÉRIE)



Trabalho e metodologia embasados na Teoria do Conhecimento de Piaget, objetivando criar pessoas capazes de fazer algo de novo, através do desenvolvimento da capacidade pessoal das crianças para descobrir, inventar, criticar, e a decidir as coisas por conta própria.

Av. Brás de Pina, 1125 - Alto Ipiranga
Tel. 469.3990/9789 - Mogi das Cruzes



REJUVENESCIMENTO DA PELE

Creme de Collagen
Creme de Placenta

Creme de Collagen e Elastina

ELIMINAÇÃO DA FLACIDEZ

Cápsulas de Gelatina
Creme de Elastina

CONTROLE ALIMENTAR

Carboximetilcelulose

COMBATE À CELULITE

Creme de Thiomucase
Creme de Massagem

AUXÍLIO AO EMAGRECIMENTO

Creme Emagrecedor
Creme de Parafina

SJ Campos: Av 9 de Julho, 542 - ☎ 22.2214
M Cruzes: Vila Hélio, 74 - ☎ 460.2466
Jacareí: Av Cel Carlos Porto, 35 - ☎ 51.7595
Guaratinguetá: R Cel Virgílio, 9 - ☎ 22.3979

INAUGURAÇÃO

Outra opção

O comércio de guloseimas e seu novo atrativo, os waffles

Deixar de lado a Arquitetura e, somente pelo prazer, abrir a Waffleteria, não foi uma decisão difícil para a recém formada Maria Angélica Leone Radichi Rossetti, 23 anos. Ela tinha de optar entre o escritório (e um mercado de trabalho saturado) ou uma aventura no comércio, levando adiante uma idéia que amadurecia com o marido Cássio. "Acabei decidindo pelo comércio, ou melhor, pelo prazer de poder dar aos mogianos um local gostoso, onde pudessem conhecer os waffles, uma paixão nossa há muito tempo", conta Maria Angélica, que acabou criando mais de 60 opções entre produtos salgados e doces.



Angélica: pelo prazer

O waffle é uma especialidade belga, inventada na época das cruzadas e que poucos conhecem, pois não é fácil de ser encontrada nem mesmo nos grandes centros, onde os favos, com um tipo de massa diferente, têm mais popularidade. "Nós dois, sempre na busca dos waffles, acabamos conhecendo pessoas que faziam a massa e a idéia de mon-

tar a Waffleteria em Mogi foi imediata. Aprendemos a técnica e hoje, depois de inventarmos as mais diversas coberturas, trabalhamos assim: compramos a massa pronta daqueles amigos e a preparamos na hora, na frente de cada freguês" conta.

Com os preços que variam entre Cr\$ 1.200 a Cr\$ 5.300, os waffles têm sabores que vão do purê de maçã, pêra ou ameixa, aos cremes de café, chocolate ao rum, além dos tipos catupiry, ricota ou pizza, servidos em pranchas de madeira. "Nós sabíamos que a introdução dos waffles em Mogi seria lenta e os jovens os primeiros a aprovar. O waffle não é um alimento, é um

prazer realmente e um hábito que os mogianos estão começando a conhecer," acredita Maria Angélica.

A Waffleteria foi instalada na rua Dr. Corrêa, em frente

ao Teatro Municipal, um corredor comercial que surge: "Além de tentar algo novo na cidade, pois eu não gostaria jamais de ter, por exemplo, uma boutique, um tipo de comércio bem explorado por aqui, nós queríamos também um ponto novo. Surgiu este, ao lado de uma loja de artigos jovens, de amigos nossos e não pensamos muito." Apesar de terem sido prejudicados logo no início pelas obras de asfaltamento naquela área da cidade, Maria

Angélica e Cássio prevêm um bom futuro para o local.

Um outro aspecto que consideram positivo: o asfalto que agora existe na rua Dr. Corrêa. E mais: a rua tem trânsito bom e a casa é ponto de passagem obrigatório entre as partes alta e baixa da cidade. ●

**ALDEMY GOMES DE OLIVEIRA
ANA LUCIA G. OLIVEIRA SAKOTANI**
arquitetos

planejamento urbano
arquitetura
assessoria técnica
comunicação visual
decoração
fiscalização técnica

rua dr. deodato wertheimer, 1.605 - 5.º andar s/56 - mogi das cruzes
tels. 460-2600 - 469-4541 - 469-1017



Iris, Koto e Ono: todos entusiasmados com os lucros que o molusco pode dar a médio prazo

ALIMENTOS

Negócio promissor

Japoneses do Cocuera começam a produzir os sofisticados escargots, atividade barata mas que pode render muito

Os requintados e caros *escargots*, molusco que os franceses adoram, chegaram ao Cocuera onde as famílias Kayasima e Kota, pioneiras no setor, podem ter descoberto um filão atraente: o mercado externo, que aprecia muito o produto, e o interno, onde ele é incrivelmente caro. Aposentada, a professora Iris Takizawa Kayasima, 50 anos, iniciou há sete meses sua criação com 75 matrizes, que representam hoje cerca de 2 mil *escargots*, divididos em vários caixotes rústicos. "Nós estamos ainda em fase de pesquisa e implantação e por isso só podemos vender matrizes, que custam Cr\$ 10 mil", explica. Para chegar até os restaurantes a caminhada ainda é longa, pois eles exigem no mínimo uma produção de 100 dúzias por dia, só possível para

que tem mais de 100 mil *escargots*.

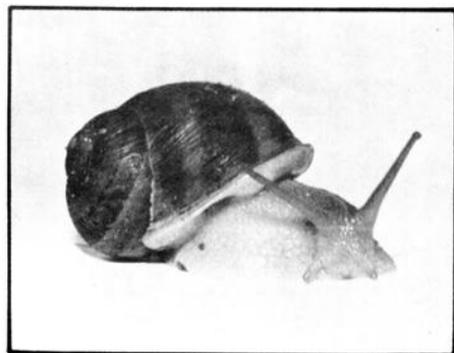
Relativamente fáceis de criar, os moluscos começam a desovar com quatro meses.

Sua alimentação básica: uma ração composta de fubá, farinha de ostra, farinha de soja e farinha de carne, além de verduras e água. "Os *escargots* possuem propriedades afrodisíacas e hábitos noturnos, por isso devemos limpar as caixas ao entardecer, trocando a água e os alimentos. A única doença conhecida é a postura rósea, que aparece quase sempre por falta de limpeza", ensina Masuji Kayasima, um cunhado de Iris com cursos de especialização no Japão em orquídeas. No Cocuera todos criam o tipo *Petit Gris*.

Makoto Kota, 39 anos, começou a criar os

moluscos com os Kayasima, iniciando com 40 matrizes. Hoje já são mais de 2 mil *escargots*, mas ele ainda mantém como atividade principal a agricultura. "Se não nos tivessem vendido matrizes velhas, eu e meus amigos estaríamos com mais de 10 mil unidades. É o preço da inexperiência" – lamenta ele, que acredita muito no futuro do novo ramo, por causa dos restaurantes e, principalmente, por meio das exportações. No restaurante uma porção do molusco nunca custa menos de Cr\$ 100 mil. A perspectiva de lucro também contagiou Décio Ono. Aos 58 anos e sem nenhuma atividade, ele resolveu arriscar: comprou 12 matrizes e está aprendendo com os outros.

Vanice Assaz ●



"...te vejo no Michel."

LANCHES MICHEL

469-2246

CK KIWOKAWA
imóveis creci 8287

PARA ADMINISTRAÇÃO
CONFIE SEUS IMÓVEIS
COM SEGURANÇA
NO RECEBIMENTO

R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - SP
Tel. 469-4211 (KS)

FOLCLORE

Expo-Divino

Festa do Divino terá de nova exposição folclórica

Em 1906, o festeiro Je-suíno Furquin, popularmente conhecido por "Nho Gino", via-se às voltas com os preparativos da esperada festa do Divino, data oficial nos calendários não só de Mogi, mas de quase todas as cidades do interior de São Paulo e Minas Gerais. Hoje, 79 anos depois, um obstinado grupo de festeiros locais teima em preservar a tradição lutando contra a falta de recursos e o desinteresse de grande parte da população da cidade – atualmente, Mogi conta com o maior número de bandeiras do Divino entre todos os municípios brasileiros que ainda realizam a festa.

"São mais de 200 bandeiras que saem às ruas todos os anos", informa José De Carlo Filho, 57 anos, que junto à esposa Irna foi escolhido o casal de festeiros em 85.

A exemplo do ano passado, De Carlo sugeriu a promoção da 2.ª Exposição sobre a Festa do Divino, organizada pelo Centro Mello Freire de Cultura e realizado no

mostra trabalhos exclusivos, cujas vendas reverterão para a própria festa. São cerâmicas, esculturas em madeira, miniaturas das bandeiras, telas e fotografias de festas passadas, num total aproximado de 50 peças expostas durante dez dias na casa da Festa, onde, tradicionalmente, reúnem-se as doceiras e festeiros, e para onde de-



De Carlo: "As autoridades não costumam vir à festa"



Irna: festeira

mesmo período de duração dos festejos. Coordenados pela diretora cultural do centro Mello Freire, Olga Duarte Nóbrega, 50 anos, oito artistas mogianos criaram para a

veriam dirigir-se visitantes e autoridades, "que não costumam vir à festa", diz De Carlo. A exposição contribuirá para que a população aproxime-se da arte.

A receita do sabor é simples: qualidade.

PONTO DE ENCONTRO



Ainda é muito cedo para que a Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental – Cetesb – Divisão de Mogi das Cruzes inicie um trabalho para o controle da poluição dos resíduos sólidos, ou dos lixo urbano e industrial na região, apesar de seus técnicos já estarem verificando as estratégias para isso. Porém, contra os resíduos particulados e o dióxido de enxofre, como os cuidados com as águas, a luta já se iniciou e muitos resultados começam a aparecer.

Numa visita à sede de ATO, o engenheiro Sérgio Correa Alejandro, 34 anos, chefe da divisão mogiana da Cetesb, encarregada de preservar e orientar toda a área desde Itaquaquecetuba até Salesópolis, incluindo Guararema, explicou que seu trabalho, assim como o de mais quatro engenheiros, é realizado em plantões de 24 horas e que um dado bastante significativo já mostra Mogi das Cruzes e sua região, cuja emissão de material particulado tem um potencial de 210 toneladas, está com um remanescente de 40 toneladas apenas.

“Destas 40 toneladas, 11 são da Aços Anhanguera e seis da Ibar, em Poá, mas estas já possuem projetos de controle em andamento, sendo que o da Aços deverá estar pronto dentro de um ano e o da Ibar

em mais 180 dias”, explicou Alejandro. A poluição da Cosim, um antigo problema da cidade, não é mais tão significativa desde que sua aciaria foi desativada. “A emissão da Cosim, analisa Sérgio, é de 410 quilos por dia e é um problema localizado. Do ponto de vista geral não é significativo, embora incomode parte da cidade.

Com a reinstalação da estação de controle da Cetesb em Mogi – a anterior foi transferida para Cubatão, no ano passado, por necessidades maiores daquele Município – a região tem a cada seis dias, uma medição de 24 horas da qualidade do ar. “É uma estação automática e há um detalhe: as medições informaram que a qualidade do ar tem estado no nível bom o que não quer dizer que as indústrias daqui já estão livres para qualquer trabalho e não têm que fazer nada. A situação nesta região é que temos grandes indústrias, grande poluição, mas boas chances de controle”, afirma Sérgio Alejandro.

O controle do dióxido de enxofre é um programa que está em andamento, mas já se sabe que a emissão deste poluente na região é de 24 toneladas por dia e que até o final deste ano deverá cair para quatro toneladas/dia, marca considerada aceitável pela Cetesb.

Com as portas
abertas para
o futuro.



BERÇÁRIO E PRÉ-ESCOLA

Num trabalho
maduro e consciente
de uma equipe
multiprofissional,
aliado ao apoio dos pais,
uma única meta:
preparar para uma vida
física, psíquica e
intelectualmente sadia,
a geração do ano 2000.

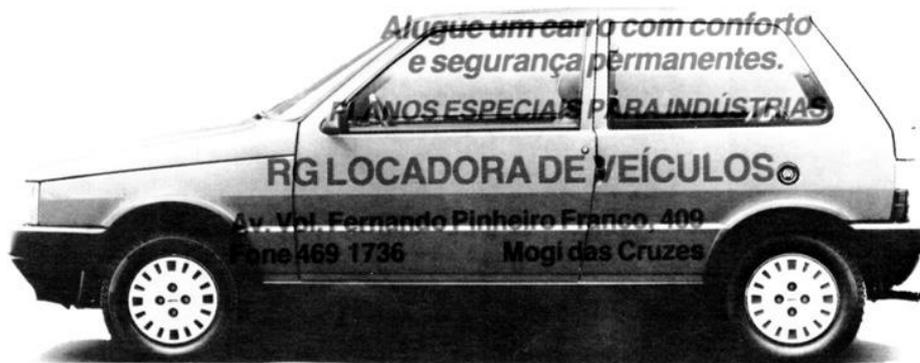
Av. Dr. Fernando Costa, 88
Fone 460-2948 – Mogi das Cruzes

LATICÍNIOS MARAVILHA



Frios, queijos e vinhos
de qualidade,
comprovando uma
tradição de 26 anos.

R. Cel. Souza Franco, 594
Tel. 469-5900
Av. Francisco Rodrigues Filho, 951
Tel. 468-2911
Mogi das Cruzes - SP





O Novo Independente: energia e criatividade

Foi, pode-se dizer, uma reação ao convencional: ao assistir espetáculos preparados por academias de dança da cidade, **Celina Tsujiguchi** teve a idéia – formar um grupo de balé independente, onde a criatividade fosse o fundamental. Passo seguinte, ela e mais 14 jovens de idades variando entre 13 e 25 anos fundaram o Corpo de Baile Novo Inde-

pendente. “Estávamos todos muito cansados das aulas e coreografias impostas pelas academias” – diz Raquel Grieco Nunes. O grupo é formado por Thais Ciochi, Mônica Grieco Nunes, Gislaïne da Silva, Flávia Santana, Sílvia Bolina, Sílvia Tassianari, Paulo Pinto, Ana Regina Ariza, Diva Cordeiro, Carlos Américo Neri, Lalo Freitas e



Os ex-alunos do Washington Luís: recordações

pelo coreógrafo Jurandir da Silva, além de Celina e Raquel.

É certamente uma forma de sempre conversar sobre o mesmo assunto: a adolescência no Instituto de Educação Washington Luiz, de onde todos guardam uma enorme saudade. Uma vez por mês esses amigos reúnem-se e se só não falam do passado, pelo menos ele tem espaço garantido em mais da metade do tempo em que o grupo está junto em reuniões, marcadas pela professora **Telma Muniz**, uma das saudosistas da imbatível fanfarra do ginásio, ou da BrazCol, a “guerra” entre os alunos do colégio do Estado e seus rivais do Liceu Braz Cubas. “Temos saudades dos tempos despreocupados da escola, da rivalidade com outros estabelecimentos” – justifica o médico **Newton Carlos Polimeno**, 34 anos. “Tínhamos, além disso, um ensino público invejável”, lamenta.



Lawall: “Suor de Virgem” no diário

Entre 1974 e 1978, o engenheiro **Carlos Alberto de Mendonça Lawal**, hoje com 34 anos e pai de quatro filhos, era um dos moradores da república estudantil “Barracão Suor de Virgem”, uma ampla residência de cinco dormitórios no número 34 da rua Major Pinheiro Franco, que ele dividia com mais cinco estudantes de Engenharia e Arquitetura. As memórias da re-

pública estão guardadas nas 35 páginas do pequeno diário que Lawal teve o cuidado de escrever e distribuir aos demais integrantes do grupo e seus familiares. Atualmente, os seis ex-moradores do Barracão já somam vinte filhos.

Eram bons tempos. Passados os exames finais de cada ano os seis estudantes organizavam um bloco com samba enredo próprio e lugar apenas para os alunos que ficavam de segunda época. “O diário foi escrito com a intenção de conservar o bom tempo que passamos juntos, as coisas que aprendemos na convivência estudantil e também num

gesto de agradecimento aos nossos pais” – explica Lawal, mineiro de Juiz de Fora, que há dez anos está em Mogi. No momento, após uma reforma, a velha república transformou-se numa espaçosa residência. Anualmente, no último sábado do mês de outubro, os seis reúnem-se num churrasco de confraternização para relembrar a vida na faculdade.

Há 46 anos, quando chegou a Mogi, formada em ginecologia e obstetrícia pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio, a médica **Maria Aparecida Rezende** estava

eram as mesmas e o serviço com máquinas cada vez diminui mais. Aoki é autorizado pela Estrela, Glaslite e Trol.



Maria Aparecida: um lugar para os idosos

entrando para a história da cidade: era não só a primeira mulher a exercer a medicina no município, mas também uma pessoa que passou a dedicar-se (o que faz até hoje) exclusivamente aos pobres. Ela diz nunca ter sofrido restrições por ser mulher desde que iniciou a profissão, em 1939, e hoje tem ainda um sonho: "Fundar uma entidade para os idosos".

Tsunetaka Aoki, um electricista de 47 anos, já se acostumou com os olhares ansiosos das crianças que chegam à sua pequena oficina. Afinal, ele é o único "doutor" do Hospital de Brinquedos da cidade, atividade para a qual se encaminhou depois de abrir em 82 uma firma de conserto de máquinas fotográficas. Os motivos da guinada foram simples: as ferramentas



Aoki: na crise, consertos também de brinquedos

Depois de trabalhar nos últimos doze anos na gerência de bancos comerciais e a frente de dois postos de gasolina da cidade, o mineiro **Nabi Francisco Gouveia**, 39 anos, resolveu inovar e instalou em Mogi, onde reside há seis anos, o **Car Washed** – um serviço de lavagem de automóveis por meio de máquinas. Só que, ao lado do local das lavagens, ele instalou uma choperia onde o primeiro drinque é por conta da casa. "Em Mogi não existem choperias, apenas lanchonetes e restaurantes que oferecem essa bebida" – justifica Nabi. "Assim, além de atrair a freguesia, ofereço um serviço a mais. Segundo seus planos, nos primeiros dois ou três meses os motoristas que levarem o carro no **Car Washed** contarão com mais uma comodi-



Nabi: chopp gelado para atrair freguesia ao lava-rápido

dade: um *play ground* onde, durante os fins de semana, os pais poderão deixar seus filhos enquanto bebem o chopp e esperam a lavagem do veículo. "A inflação corrói os lucros que poderiam vir dos postos de gasolina, por isso mudei" diz o comerciante, satisfeito com o movimento do novo negócio.

O interesse pela música da jovem **Maricy Porcelli Najar**, 16 anos, levou seu pai, o deputado estadual **Maurício Najar** (PDS), a acrescentar ao velho piano – tocado também por suas filhas **Nara**, 23 e **Li-amara**, 18 –, quatro novos instrumentos, que somados ao verdadeiro arsenal musical do sobrinho **Tonico Najar**, cantor e compositor mogiano, conseguem transformar o ambiente da residência onde mora o deputado.

Quase todos os sábados a caçula **Maricy** abre sua casa para amigos do colégio e do cursinho, que passam a tarde ouvindo e cantando músicas interpretadas pela anfitriã em seu vio-

lão, na flauta doce, órgão, piano e também no cavaquinho, que toca de ouvido há quatro meses. Mesmo sem tempo para dedicar-se mais aos instrumentos por causa dos estudos, ela não deixa de sentar-se ao piano ou dedilhar o violão sempre que ouve no rádio uma nova canção.

No ano que vem, garante arrumar tempo para cursar a **Academia Zimbo Trio**, em São Paulo. **Maricy**, por outro lado, ainda não se decidiu quanto aos vestibulares.

Ainda está na dúvida entre **Medicina e Educação Física**. No momento, o deputado vê-se às voltas com o último pedido da filha caçula: uma bateria eletrônica.



Maricy: agora uma bateria

Esperando dias melhores

Oscar Holme, dois anos de muito trabalho e até ameaças de morte

O professor de História Oscar Holme, 44 anos, completa este mês dois anos a frente da Divisão Regional de Ensino 5 Leste, enfrentando grandes problemas mas satisfeito com os resultados e os primeiros passos em direção a uma nova escola, mais adaptada à atual realidade e aos novos ventos que começam a soprar. Nas questões polêmicas como a anulação de diplomas de uma escola em Suzano e a implantação do Ciclo básico no primeiro grau, ou diante do paciente trabalho de conscientização e mudança de mentalidade educacional da região, Holme vem usando uma única arma: a esperança de dias melhores para os brasileiros. Bem relacionado na Secretaria da Educação e em vários segmentos do PMDB, atualmente divide seu tempo entre as funções na DRE-5 Leste e as de professor universitário.

ATO – Dois anos depois, quais são as dificuldades maiores na Divisão?

HOLME – Há algumas e entre elas o caso especial do antigo Liceu Santo Antonio, em Suzano, do qual estamos anulando uma série de documentos falsos. No início, houve problemas para a formação da comissão e os problemas continuam porque ainda temos mais de mil diplomas a anular, de primeiro e segundo grau e supletivo. As pressões foram enormes, chegando a telefonemas anônimos ameaçadores e até fatos condenáveis como pedidos de deputados para atender pessoas que eles nem sequer sabiam que erro tinham cometido. Atualmente as pessoas estão entendendo melhor nossa posição e a pressão diminuiu, apesar de ainda termos muitos diplomas a anular e que serão anulados, independentemente da posição destacada de alguns nomes.

ATO – E as outras questões? Aquelas além da burocracia?

HOLME – Acho que a questão principal é a mudança de cabeça das pessoas. Não se muda mentalidade por decreto e a Secretaria da Educação tem uma proposta que é a de abertura da escola, a implantação de uma escola democrática. Tenho conhecimento de que em várias escolas já está existindo um amplo diálogo entre professores, direção, alunos e pais.



Holme: confiando na mudança

ATO – Onde estão as maiores barreiras dessa nova escola?

HOLME – Muitas vezes nos professores mesmo. Não se pode esquecer que a grande maioria estudou, se formou e trabalhou muito tempo no período de autoritarismo. O problema da educação como um todo é o fato da escola ter ficado defasada em relação à realidade. Vamos falar de educação com professores, serventes, inspetores e secretários, que muitas vezes têm grande importância junto aos alunos e precisam ser valorizados, como pessoa e em seus salários.

ATO – E a falta de vagas?

HOLME – Este problema não temos nesta Regional. Todas as crianças que procuraram vagas as tiveram. A questão é que para atender a todos fomos obrigados a uma superlotação nas escolas, abrindo até quatro períodos, fazendo com que em alguns lugares se tenha crianças de quarta série saindo após as 19 horas, muito tarde, mas acho que estes são problemas superáveis.

ATO – Por determinação da Secretaria se

implantou, no ano passado, o polêmico ciclo básico, a alfabetização em dois anos...

HOLME – Eu sempre fui favorável ao ciclo básico, pois acredito ser melhor para as crianças um trabalho que as acompanhe, que as remaneje, levando em consideração suas dificuldades na aprendizagem, o seu ritmo, as suas individualidades e seus problemas pessoais. No sistema seriado, adotado anteriormente, você trunca a aprendizagem, fazendo o aluno voltar ao início de sua caminhada, desestimulando-o e colaborando ainda mais para a evasão escolar. Alfabetização não é só dar conhecimento das letras, é algo mais complexo, um processo profundo do qual também faz parte a integração com o meio.

ATO – O ciclo básico foi criado para se tentar resolver o problema da retenção e evasão escolar, mas a decisão está provocando muitos problemas.

HOLME – O ciclo básico veio para isso e creio que é uma maneira correta, porém foi implantado de um modo precipitado e os problemas são muitos. Os professores teriam de ser ouvidos e preparados para esta implantação e não o foram. Os diretores, por exemplo, teriam de ser objetos da burocracia e também há a questão da falta de espaço e de se ter classes com 10 ou 12 alunos. Acho que, a nível estadual, não vamos ter bons resultados porque toda a filosofia e sociologia do ciclo básico não foi colocada. Em nossa região temos a sorte de termos a experiência do Pró-Leste, que já trabalha com remanejamento e pode dar uma sustentação maior a esta novidade.

ATO – O senhor também é otimista quanto à Nova República?

HOLME – Eu já achava que com o Tancredo não se iria resolver muita coisa. A elite dominante continua no poder. Mudaram as pessoas mas a mentalidade é mais ou menos a mesma, mas acredito que se vai, pelo menos, discutir os problemas. Estes, só vão ser resolvidos quando o povo se organizar para tentar resolvê-los, em vez de, por exemplo, ficar rezando e esperando, com visão messiânica, que alguém virá salvá-lo. Acho que a Nova República é mais progressista – vai fazer concessões.

A ROTA DO SOL

SANTA MARIA VIAÇÃO LTDA.

Ribeirão Pires
Mauá
Sto. André
São Bernardo
Santos
São Vicente

Bititiba Mirim
Salesópolis
Casagrande
Guararema
Jacareí
S.J. dos Campos
Taubaté
Aparecida
Caçapava



FRETAMENTOS E VIAGENS ESPECIAIS

R. Dr. Campos Sales, 382 - Fones 469 3688 e 469 3788 Mogi das Cruzes - SP



Quem vai crescer com a gente?

O Bamerindus é o mais jovem dos grandes bancos particulares do país. Quem sabe não é essa a mais importante razão para seu crescimento.

Presente em 23 estados, 1 território e no Distrito Federal, possui hoje a 3.^a maior rede de agências bancárias do setor privado e uma sólida estrutura financeira, que se construiu em apenas 31 anos.

Primeiro banco a chegar a 430 cidades no interior, o Bamerindus viu de perto as necessidades do homem do campo, deu apoio a milhares de pequenas e médias empresas urbanas, conquistou a confiança de 2.514.000 correntistas. Sua caderneta de poupança ultrapassou 1 trilhão de cruzeiros em depósitos, graças à fidelidade de 6 milhões de clientes. A Bamerindus Cia. de Seguros lidera o quarto maior grupo segurador do país.

Na era eletrônica, o Bamerindus interliga por computador agências de grandes centros, implanta terminais de caixas e de clientes, lança o Banco 24 Horas - que não fecha nunca.

A idéia é continuar crescendo, em quantidade e qualidade. Intensificar o treinamento de pessoal, modernizar as agências, desenvolver novos produtos e serviços, atender melhor, agilizar os bons negócios.

Se é isso que você espera de um grande banco, venha crescer com a gente.

Abra uma conta no Bamerindus.

 **Bamerindus**
O Banco da nossa terra